

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS  
CAMPUS JATAÍ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM EDUCAÇÃO PARA CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

**KATTIUSCE CÂNDIDO E SILVA**

**OS (CON)FINS DA EVASÃO E DO CONHECIMENTO TÉCNICO-  
CIENTÍFICO EM UM CURSO TÉCNICO INTEGRADO EM  
SECRETARIADO - EJA**

JATAÍ

2019

**KATTIUSCE CÂNDIDO E SILVA**

**OS (CON)FINS DA EVASÃO E DO CONHECIMENTO TÉCNICO-  
CIENTÍFICO EM UM CURSO TÉCNICO INTEGRADO EM  
SECRETARIADO - EJA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Campus Jataí, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação para Ciências e Matemática.

Área de concentração: Ensino de Ciências e Matemática Organização Escolar, Formação Docente e Educação para Ciência e Matemática. Sublinha: Políticas e gestão da educação e da sala de aula.

Orientadora: Dra. Daniella de Souza Bezerra

JATAÍ

2019

Autorizo, para fins de estudo e de pesquisa, a reprodução e a divulgação total ou parcial desta dissertação, em meio convencional ou eletrônico, desde que a fonte seja citada.

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)**

SIL/con	Silva, Kattiusce Cândido e. Os (con)fins da evasão e do conhecimento técnico-científico em um curso técnico integrado em secretariado - EJA [manuscrito] / Kattiusce Cândido e Silva. -- 2019. 94 f.  Orientadora: Prof <sup>a</sup> . Dra. Daniella de Souza Bezerra. Dissertação (Mestrado) – IFG – Câmpus Jataí, Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática, 2019. Bibliografias. Apêndices.  1. Educação de Jovens e Adultos trabalhadores. 2. Proeja. 3. Permanência. 4. Evasão. 5. Conhecimento técnico-científico. I. Bezerra, Daniella de Souza. II. IFG, Câmpus Jataí. III. Título.
---------	---

CDD 374.012

KATTIUSCE CÂNDIDO E SILVA

**OS (CON)FINS DA EVASÃO E DO CONHECIMENTO TÉCNICO-CIENTÍFICO EM  
UM CURSO TÉCNICO INTEGRADO EM SECRETARIADO-EJA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Câmpus Jataí, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação para Ciências e Matemática.

Esta dissertação foi defendida e aprovada, em 9 de dezembro de 2019, pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

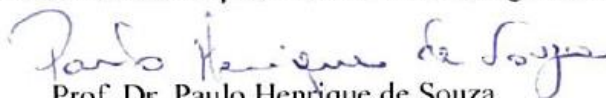
**BANCA EXAMINADORA**



Profª. Dra. Daniela de Souza Bezera

Presidente da banca / Orientadora

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás



Prof. Dr. Paulo Henrique de Souza

Membro interno

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás



Profª. Dra. Camila Alberto Vicente de Oliveira

Membro externo

Universidade Federal de Goiás

“Você acha que os mortos que amamos realmente nos deixam? Você acha que nos lembramos deles ainda mais claramente em momentos de grandes dificuldades?” (J. K. Rowling)

É por isso que dedico esse trabalho ao meu pai, que lá do céu está orgulhoso das filhas que tem!

## **AGRADECIMENTOS**

Ao encerrar mais uma etapa acadêmica não posso deixar de agradecer a Deus por toda força, ânimo e coragem que me ofereceu nos dias mais sombrios onde a única vontade era desistir.

Ao Programa quero deixar palavras de gratidão por ter me recebido de braços abertos e com todas as condições que me proporcionaram dias de aprendizagem muito ricos.

Aos professores, pelo esforço, a paciência e a sabedoria. Foram eles que me forneceram subsídios para evoluir academicamente.

A minha família que acreditou que esse momento poderia chegar e pela paciência em escutar meus devaneios.

E por fim, as minhas irmãs, Fernanda e Luciana, porque sem elas a conclusão dessa etapa não seria possível.

## RESUMO

Este estudo parte do pressuposto de que a consolidação da oferta de cursos técnicos integrados ao ensino médio na modalidade de educação de jovens e adultos (EJA) constitui-se enquanto uma fundamental política pública por concretizar o direito à educação à jovens e adultos trabalhadores, que historicamente tem tido confins sociais e educacionais para o acesso e permanência no ensino regular. Nesse sentido, objetiva-se, aqui, analisar os fatores que tem contribuído para a permanência de estudantes em um curso técnico integrado em Secretariado-modalidade EJA do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Jataí, Goiás, bem como investigar a relação entre o desempenho acadêmico de estudantes nas disciplinas de Ciências da Natureza e a evasão do curso. Para tanto, foi feito um estudo qualitativo do tipo descritivo utilizando documentos disponibilizados do curso, assim como questionários semiabertos aplicados aos estudantes concluintes, evadidos e aos professores atuantes nessa modalidade de ensino. Nesse sentido, foram sintetizados, primeiramente, os aspectos históricos, políticos e pedagógicos do projeto de educação de jovens e adultos trabalhadores na perspectiva de uma formação emancipatória; a questão da evasão nos cursos de técnicos na modalidade EJA, bem como suas fronteiras e limites (confins) com o conhecimento técnico-científico. Na sequência, essas mesmas questões foram analisadas a partir dos dados advindos dos questionários aplicados aos estudantes concluintes, evadidos e docentes do curso. A análise e discussão dos dados evidencia que: 1) os fatores determinantes para a evasão dos estudantes do curso são, predominantemente, de ordem externa à instituição de ensino, sendo os compromissos com o emprego e a família, os principais intervenientes; 2) dificuldades com os conteúdos e a retenção em disciplinas de ciências da natureza não têm motivado a evasão; 3) apesar de o conteúdo de matemática preocupar os estudantes, essa disciplina não desestimula a permanência dos estudantes na instituição; 4) o envolvimento dos professores com o curso contribui com a permanência e êxito acadêmico dos estudantes; 5) inobstante os fins do projeto formativo do curso e das expectativas de conclusão do ensino médio e de um curso técnico pelos estudantes terem motivado o ingresso, as contingências de ordem pessoal que emergem no decurso confinam as alternativas de permanência no curso; 6) o trabalho institucional, na ocasião da divulgação dos processos seletivos, precisa ser fortalecido em locais que possuem significativa quantidade de jovens e adultos que não concluíram o ensino médio; 7) os estudantes não possuem clareza sobre o impacto de uma formação emancipatória, que garanta o conhecimento técnico-científico do ensino médio e da habilitação técnica, na dimensões de sua vida e sua respectiva (re)inserção no mundo do trabalho; 8) o processo de ensino e aprendizagem, quando conduzido de forma afetiva e próxima, contribui para a permanência e êxito acadêmico dos estudantes. Nesse sentido, considerando os dados teóricos e empíricos deste estudo, construiu-se no decurso da investigação, um material textual contendo estratégias pedagógicas para fins de permanência e êxito dos estudantes na EJA integrada à Educação Profissional e Tecnológica.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos trabalhadores. Proeja. Permanência. Evasão. Conhecimento técnico-científico.

## ABSTRACT

This study assumes that the consolidation of the provision of integrated technical courses for secondary education in the youth and adult education modality (EJA) is a fundamental public policy for realizing the right to education for working young people and adults. historically it has had social and educational boundaries for access and permanence in regular education. In this sense, the objective here is to analyze the factors that have contributed to the permanence of students in a technical course integrated in EJA Secretariat-modality of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Goiás, Jataí, Goiás, as well as to investigate the relationship between the academic performance of students in the Natural Sciences subjects and the dropout of the course. To this end, a qualitative descriptive study was carried out using available course documents, as well as semi-open questionnaires applied to graduating, evaded students and teachers working in this type of teaching. In this sense, first, the historical, political and pedagogical aspects of the project of education of youth and working adults were synthesized in the perspective of an emancipatory formation; the issue of dropout in technical courses in the EJA modality, as well as their borders and limits (confines) with the technical-scientific knowledge. Subsequently, these same questions were analyzed based on the data from the questionnaires applied to the students who completed, evaded and teachers of the course. The analysis and discussion of the data show that: 1) the determining factors for students' dropout are predominantly external to the educational institution, with commitments to employment and family being the main actors; 2) difficulties with content and retention in nature science subjects have not motivated dropout; 3) Although mathematical content worries students, this discipline does not discourage students from staying in the institution; 4) the involvement of teachers with the course contributes to the permanence and academic success of students; 5) Although the aims of the formative project of the course and the expectations of the completion of high school and a technical course by the students motivated the entrance, the personal contingencies that emerge during the course confine the alternatives of permanence in the course; 6) Institutional work, at the time of the dissemination of selection processes, needs to be strengthened in places that have significant numbers of young people and adults who have not completed high school; 7) the students are not clear about the impact of an emancipatory formation, which guarantees the technical-scientific knowledge of high school and technical qualification, in the dimensions of their life and their (re) insertion in the world of work; 8) The teaching and learning process, when conducted in an affective and close way, contributes to the permanence and academic success of the students. In this sense, considering the theoretical and empirical data of this study, it was built during the investigation, a textual material containing pedagogical strategies for the permanence and success of students in EJA integrated to Vocational and Technological Education.

**Keywords:** Youth and Adult Education integrated with technical vocational education. Evasion. Retention. Technical-scientific knowledge.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Tabela 1</b> – Quantidade de estudantes com matrículas efetivadas, canceladas e evadidos entre 2013/2 a 2018/2 no curso técnico – EJA do IFG – Campus Jataí	45
<b>Quadro 1</b> – Perfil dos alunos da turma ingressante em 2014/2 no curso técnico Integrado em Secretariado – EJA	46
<b>Quadro 2</b> – Período do curso dos estudantes concluintes do curso Técnico Integrado em Secretariado	48
<b>Quadro 3</b> – Dificuldades encontradas durante o período de permanência no curso Proeja – Secretariado citados pelos alunos concluintes	50
<b>Quadro 4</b> – Perfil dos aluno evadidos da turma do Curso Técnico em Secretariado de 2014/2	54

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento

CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás

CNBB – Conferência Nacional de Bispos no Brasil

CTS – Ciência, Tecnologia e Sociedade

EBTT – Carreira de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico

EJA – Educação de Jovens e Adultos

Enem – Exame Nacional do Ensino Médio

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

ETFG – Escola Técnica Federal de Goiás

IFG – Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Goiás

IFs – Institutos Federais

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira

MEC – Ministério da Educação

Mobral – Movimento Brasileiro de Alfabetização

OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PPC – Projeto Pedagógico do Curso

Proeja – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

Provão – Exame Nacional de Cursos

Saeb – Sistema de Avaliação da Educação Básica

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

Setec – Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica

Uned – Unidade de Ensino Descentralizada

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS TRABALHADORES NO BRASIL NOS (CON)FINS DAS DIMENSÕES HISTÓRICA, POLÍTICA E PEDAGÓGICA .....</b>	<b>16</b>
<b>2.1</b>	<b>Dos fins históricos para a formação de trabalhadores aos (con)fins políticos .....</b>	<b>16</b>
<b>2.1.1</b>	<b>O conhecimento técnico-científico e seus (con)fins para a educação de jovens e adultos trabalhadores .....</b>	<b>23</b>
<b>2.1.2</b>	<b>A formação do trabalhador e o desenvolvimento do país .....</b>	<b>26</b>
<b>2.2</b>	<b>O conhecimento técnico-científico e seus (con)fins na formação de jovens e adultos trabalhos .....</b>	<b>32</b>
<b>2.3</b>	<b>A educação de jovens e adultos e os (con)fins da evasão escolar .....</b>	<b>38</b>
<b>3</b>	<b>A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NOS (CON)FINS DE UM CURSO TÉCNICO EM SECRETARIADO INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO-EJA ....</b>	<b>42</b>
<b>3.1</b>	<b>O Curso Técnico e seus (ex)estudantes nos (con)fins do registro escolar .....</b>	<b>44</b>
<b>3.2</b>	<b>Por quê permaneci no curso Proeja em Secretariado? .....</b>	<b>47</b>
<b>3.3</b>	<b>Por que evadi do curso Proeja em Secretariado? .....</b>	<b>55</b>
<b>3.4</b>	<b>O que faço que motiva o estudante do Proeja a permanecer ou sair? .....</b>	<b>59</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>65</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>68</b>
	<b>APÊNDICE .....</b>	<b>71</b>
	<b>ANEXO .....</b>	<b>92</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em 31 de janeiro de 1994, ingressei no serviço público federal para trabalhar nos laboratórios da então Escola Técnica Federal de Goiás – Unidade de Jataí (ETFG – Uned Jataí). Desde esse período, observei como a educação escolar pode proporcionar condições para o desenvolvimento da consciência crítica e emancipatória dos estudantes. Essa observação pôde ser realizada devido ao meu ingresso na instituição e participação efetiva nas aulas de laboratório de todos os cursos oferecidos nesse período. E, desde então, percebi que a quantidade de alunos que deixava de frequentar os cursos oferecidos pela escola já era expressiva. A quantidade de estudantes evadidos nos cursos técnicos da época <sup>1</sup>(Técnico em Edificações, Técnico em Agrimensura e Técnico em Eletrotécnica) se apresentava como um desafio a ser enfrentado.

Durante os primeiros dez anos, trabalhei nos laboratórios da área de Ciências da Natureza (Biologia, Química e Física). Nesse período, pude observar que as aulas práticas se aproximavam da vivência dos estudantes, bem como das atividades referentes ao curso técnico escolhido pelo estudante.

Até então, o público alvo da Uned-Jataí era estudantes que precisavam fazer o Ensino Médio, pois tinham acabado de terminar o Ensino Fundamental. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) não era contemplada com um curso específico dentro dessa etapa da educação básica, a qual, em 1994 ainda não era regulamentada como modalidade de ensino. Esse processo só ocorreu com o advento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996.

Em 2005, com a ETFG – Uned Jataí, já transformada em Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás Unidade Descentralizada de Jataí (Cefet-Uned Jataí)<sup>2</sup>, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja) foi implantado através da Portaria do Ministério da

---

<sup>1</sup> Os cursos citados eram todos oferecidos como técnicos integrados ao ensino médio. Eram oferecidos no período diurno, com duração de três anos e no período noturno com duração de quatro anos.

<sup>2</sup> A Escola Técnica Federal de Goiás foi transformada em Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás – CEFET-GO, por meio de um decreto sem número, de março de 1999.

Educação nº 2.080, de 13 de junho 2005. Também, em setembro desse ano, assumi a função de coordenadora do setor de Registros Escolares do CEFET – Uned Jataí.

A partir dessa portaria, intensificaram-se as discussões sobre a Educação de Jovens e Adultos, através de fóruns de debate. Como o resultado, o Decreto n. 5.840, de 13 de julho de 2006 foi homologado com o objetivo de regulamentar o Proeja, e aponta a <sup>3</sup>obrigatoriedade da oferta dessa modalidade de ensino para a rede tecnológica federal, com auxílio financeiro, que inicialmente foi utilizado na implantação de cursos de especialização Proeja e a criação de um núcleo de pesquisa Proeja. Nesse ano, ingressei também no curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Proeja, que foi oferecido pela Instituição em parceria com a Faculdade de Educação da Universidade federal de Goiás. Ainda, em maio de 2006, foi implantado o primeiro curso na Modalidade Proeja no CEFET Uned Jataí: o curso Técnico em Edificações.

Deste então, a integração entre educação básica e educação profissional técnica na modalidade EJA torna-se uma política de governo, implementada por meio do Programa de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja), o qual foi instituído, no âmbito federal, pelo Decreto nº. 5.840, de 13 de julho de 2006, em várias instituições de ensino, inclusive no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG)<sup>4</sup>- câmpus Jataí, inicialmente com o curso Técnico em Edificações iniciado em 2006 e extinto em 2016. A partir de 2013, foi implantado nesse Campus, o curso Técnico em Secretariado integrado ao Ensino Médio na modalidade EJA.

A respeito dos sujeitos da EJA, é mister situar que são pessoas jovens e adultas que por diferentes motivos não tiveram oportunidades de frequentar instituições de ensino básico na idade considerada regular. Para essas pessoas, a Educação não está restrita ao espaço escolar, mas também, e principalmente, ocorre em outros espaços sociais.

A partir do meu vínculo enquanto estudante no curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Proeja bem como com trabalho que realizava dentro do registro escolar, trabalhando com a documentação do curso de Proeja, pude acompanhar as dificuldades que o curso Técnico em Edificação na Modalidade Proeja começou a enfrentar. Dentre os desafios, o que mais me

---

<sup>3</sup> Obrigatoriedade definida pelo Decreto nº 5840 de 13 de julho de 2006. Art. 2º § 1º

<sup>4</sup> O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), criado pela Lei Federal nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que transformou os Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs) em Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, é uma autarquia federal detentora de autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar, equiparado às universidades federais.

chamou a atenção foi a retenção em algumas disciplinas e evasão de estudantes do curso em questão.

Já nesse período, percebi que o curso não estava conseguindo manter os Jovens e Adultos na escola, bem como que a falta de preparo da Instituição e dos profissionais que atuavam no curso era um dos fatores que afugentavam esses sujeitos da escola.

Dessa forma, discuti, em 2006, na monografia do curso de pós-graduação curso de PósGraduação *Lato Sensu* em Proeja, a implantação do curso Técnico em Edificações na Modalidade Proeja e as condições institucionais para esse processo.

A partir do endosso desse estudo empírico, percebi que a evasão era um dos problemas que influenciaram a extinção do curso e a criação de um novo, cujas novas metas e novas diretrizes almejavam tanto a continuidade da oferta de um curso técnico para a modalidade EJA, assim como melhor êxito na frequência e permanência desses sujeitos na escola.

Dessa forma, desde 2006, a EJA tem se tornado meu objeto de interesse e estudo. E, mais recentemente, a (não) permanência dos alunos no Curso Técnico em Secretariado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, campus Jataí (IFG-campus Jataí) tornou-se meu ponto de partida para a compreensão da trajetória da EJA nessa instituição, somado, dessa vez, com o interesse de analisar a relação da retenção em disciplinas de ciência com a (não) permanência dos estudantes no curso, pois em 2016 fui aprovada na seleção de estudantes para o curso de Mestrado Profissional em Educação para Ciências e Matemática do IFG-Campus Jataí.

Para justificar a pertinência de continuar estudando sobre a evasão em seus confins (limites e/ou fronteiras) e seus fins, realizei, em agosto de 2017, um levantamento junto ao setor de registros acadêmicos do IFG-Campus Jataí para apurar a quantidade de estudantes do curso Técnico em Secretariado integrado ao Ensino Médio- modalidade EJA, que não permaneceu no curso, desde a implantação em 2013 até 2018. O resultado deste levantamento foi ao encontro de minhas preocupações e hipóteses cotidianas: de 178 estudantes matriculados, 100 já havia evadido. Em outras palavras, 56% dos estudantes ingressantes, não evadiram.

Em posse desses números, vi-me desafiada a compreender e discutir sobre o porquê que esses alunos estão deixando a escola, bem como se (e como) as retenções nas disciplinas de ciências naturais (Química, Física e Biologia) têm contribuído para o agravamento desse quadro.

Partindo da compreensão de que discutir o projeto de formação de jovens e adultos na perspectiva do Proeja, bem como ouvir as vozes da comunidade acadêmica, pode vir a

contribuir para a proposição de estratégias que contribuam para a minimização e/ou eliminação da evasão dos estudantes da EJA, o presente estudo propõe-se a responder as seguintes questões: Quais fatores tem, historicamente, contribuído para o agravamento da evasão de jovens adultos trabalhadores do ensino médio (técnico integrado)? Qual a relação entre a retenção nas disciplinas de ciências da natureza do curso Técnico em secretariado integrado ao Ensino Médio-EJA do IFG – Campus Jataí e a evasão de seus estudantes?

### **O caminho da investigação**

Tendo em vista a problemática e as questões suprarreferidas,, este trabalho realizou uma análise qualitativa, por meio da descrição, que possui, segundo Martins (2010,p.56) (M, “uma importância significativa no desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa”, uma vez que:

Só haverá Ciência Humana se nos dirigirmos a maneira como os indivíduos ou os grupos representam palavras para si mesmos utilizando suas formas de significados, compõem discursos reais, revelam e ocultam neles o que estão pensando ou dizendo, talvez desconhecido para eles mesmos, mais ou menos o que desejam, mas, de qualquer forma, deixam um conjunto de traços verbais daqueles pensamentos que devem ser decifrados e restituídos, tanto quanto possível, na sua vivacidade representativa. (MARTINS, 2010, p.55).

Considerando que a produção de conceitos em um estudo qualitativo em Ciências Humanas perpassa pela descrição, este estudo do tipo descritivo (TRIVIÑOS, 2017, p.110) recorreu a ela para analisar os dados advindos das seguintes etapas do processo investigativo:

- **Primeira etapa:** recorreu-se à técnica de revisão bibliográfica de aportes teóricos, históricos e políticos sobre o projeto de educação do trabalhador na formação da escola, bem como sobre o papel do conhecimento técnico-científico na emancipação e criticidade dos alunos;
- **Segunda etapa:** foi realizado um levantamento de documentos encontrados no registro escolar e na coordenação do curso. A partir dessas fontes, foram obtidos dados sobre quantidade de ingressantes, quantidade de egressos, quantidade de evadidos, perfil dos ingressantes através dos questionários do processo seletivo (Anexo 1), dados acadêmicos sobre aprovação/reprovação nas disciplinas de ciências da natureza, além de outras informações que subsidiariam a elaborar os instrumentos de coleta de dados da etapa seguinte. Ainda nessa etapa, por meio da técnica de questionários semiabertos aplicados aos estudantes concluintes (Apêndice A) e evadidos (Apêndice B), professores (Apêndice C), foram

angariados dados sobre a (não) evasão dos estudantes do curso técnico em secretariado integrado ao ensino médio-EJA, assim como a relação do desempenho acadêmico nas disciplinas de ciências da natureza com a (não) evasão dos estudantes.

Em alinhamento as etapas do processo de investigação, esta dissertação está organizada em dois capítulos, sendo o primeiro para tratar sobre os aspectos históricos, políticos e pedagógicos do projeto de educação de jovens e adultos; a questão da evasão nos cursos de técnicos na modalidade EJA, bem como suas fronteiras e limites (confins) com o conhecimento técnico-científico. Já no segundo capítulo, analisaremos essas mesmas questões a partir dos dados advindos dos questionários aplicados aos estudantes concluintes, evadidos e docentes do curso técnico em secretariado integrado ao ensino médio do IFG-Campus Jataí.

Por fim, a partir da análise dos dados, apresenta-se no Apêndice D, o produto educacional consubstanciado no decurso do processo investigativo, a saber, um material textual, do tipo texto de apoio pedagógico para Fins de Permanência e êxito de estudantes EJA na Educação Profissional e Tecnológica (EPT).



## **2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS TRABALHADORES NO BRASIL NOS (CON)FINS DAS DIMENSÕES HISTÓRICA, POLÍTICA E PEDAGÓGICA**

Nesta seção, trataremos sobre aspectos históricos, teóricos, políticos e pedagógicos do projeto de educação do trabalhador na formação da escola, bem como discutiremos o papel do conhecimento técnico-científico na emancipação e criticidade dos alunos. Essa discussão nos permitirá compreender a trajetória da EJA e a importância de uma educação emancipatória para a formação e permanência dos alunos em cursos dessa modalidade de ensino. Falaremos também sobre a influência dos organismos internacionais na educação brasileira e das políticas educacionais criadas a partir dessas intervenções externas. Essa discussão nos permitirá analisar como o aluno trabalhador é inserido no contexto escolar e o desdobramento dessa influência externa na permanência dessas pessoas na escola.

### **2.1 Dos fins históricos para a formação de trabalhadores aos (con)fins políticos**

Manfredi (2002) atribui ao período do Brasil Colônia, o início da Educação Profissional no Brasil: os primeiros núcleos profissionais, os colégios jesuítas, foram responsáveis pelo desenvolvimento inicial da Educação de Jovens e Adultos no sistema escravocrata. Segundo ele,

os colégios e as residências dos jesuítas sediados em alguns dos principais centros urbanos foram os primeiros núcleos de formação profissional, ou seja, as “escolas oficinas” de formação de artesões e demais ofícios, durante o período colonial. (MANFREDI,2002, p.68)

Já no período do Brasil Imperial, com a vinda da família real para o Brasil, tivemos iniciativas estatais com a criação de instituições públicas para nível superior e o ensino secundário em pouquíssimos estabelecimentos, somente para a classe privilegiada.

Até o final da década de 1930, a educação profissional dedicou-se exclusivamente às atividades artesanais e manufatureiras e, devido ao sistema escravocrata e de grandes latifúndios, a educação formal para a grande maioria da população foi colocada de lado pelos grandes produtores, até que veio a industrialização que se deparou com adultos analfabetos e com pouca qualificação para o trabalho industrializado.

Assim, a herança que esse sistema escravocrata nos deixou ultrapassa a barreira do analfabetismo. Encontramos também um grande preconceito sobre a classe trabalhadora.

O sistema escravocrata, que sobreviveu por mais de três séculos, deixou marcas profundas na construção das representações sobre o trabalho como atividade social e humana. Além de envolver a violência cometida contra os habitantes nativos, impondo-lhes um padrão civilizatório que não era o seu, e de afugentar os trabalhadores livres, o emprego da mão-de-obra escrava para a execução de atividades artesanais e de manufatura acabou criando a representação de que todo e qualquer trabalho que exigisse esforço físico e manual consistiria em um 'trabalho desqualificado' (MANFREDI, 2002, p.71, grifo nosso.).

Com a queda do prestígio dos latifundiários cafeicultores e com a estruturação do Brasil urbano – industrial, ganhou força preocupação no Brasil em formar mão de obra para as novas ocupações, o que demandava a garantia de um mínimo de instrução escolar. Por conseguinte, na constituição 1934, estabeleceu-se o dever do Estado em relação ao ensino primário, integral, gratuito e de frequência obrigatória, extensiva inclusive aos adultos.

É nesse período que observamos a campanha “ser brasileiro é ser alfabetizado”, já prevendo a alfabetização dos jovens e adultos. Isso se deu pela constatação de que cerca de 55% de toda a população brasileira era analfabeta. (VENTURA, 2001, p.3).

Foi nesse período também que houve a primeira tentativa de separação do então ensino médio (à época, ensino secundário) e entre trabalho manual com formação técnica e intelectual com formação propedêutica, por meio da criação dos antigos Liceus e um Instituto no Distrito Federal.

À época, o Ministério da Educação (MEC) propôs a eliminação das diferenças entre trabalho manual, industrial e agrícola, por meio do ensino profissional. Nesse período, houve um grande embate sobre a responsabilidade de oferecimento desse tipo de modalidade de ensino entre o Ministério da Educação e o Ministério do Trabalho, o qual criou o Serviço Nacional de aprendizagem industrial (SENAI) em 1942, paralelo à Lei Orgânica do Ensino Profissional proposto pelo MEC, que teve grande influência dos sindicatos.

Já no início da década de 1960, com o crescimento industrial do país, a EJA passou a ser um instrumento para transformar as massas em mão-de-obra eficiente.

A partir de 1961, apareceram projetos e experiências que envolviam a população com o fito de diminuir o analfabetismo, por exemplo, a criação do movimento “cultura popular”, do Movimento da Educação de Base, dirigido pela Conferência Nacional de Bispos no Brasil (CNBB) com experiências radiofônicas e em Natal a campanha “De pé no chão também se aprende a ler”.

Todos esses movimentos, pelo fato de terem assumido um compromisso em favor das classes trabalhadoras rurais e urbanas, e por terem orientado sua ação educativa para uma

renovação política, representam uma proposta qualitativamente diferente das campanhas e mobilizações promovidas no início da década de 50, das campanhas e movimentos do pós 1964 e das que existiam em paralelo. (VENTURA, 2001, p. 11).

Já na área profissional, no Estado Novo houve a legitimação da separação entre trabalho manual realizado pelos operários e intelectual realizado pelas pessoas com maior qualificação (escolaridade). Isso se deu pela substituição do modelo agro-exportador pelo de industrialização. (VENTURA, 2001).

A criação do MOBRAL e a legitimação do ensino da EJA através da Lei n. 5.692/71 ajudaram no crescimento da Educação de Jovens e Adultos.

De 1964 até meados de 1980, as experiências no âmbito dos movimentos sociais são proibidas e substituídas por iniciativas centralizadas pelo governo federal. Os acordos MEC-USAID encerram a fase dos movimentos de educação e cultura popular. O tecnicismo e o economicismo na educação, principalmente por meio da difusão da Teoria do Capital Humano, serão as marcas das experiências implantadas no período. Num primeiro momento, o governo autoritário substituiu o PNA pela Cruzada da Ação Cristã (Cruzada ABC). Depois, implementou, com muito mais amplitude e raio de ação, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL); o Ensino Supletivo cresceu e ganhou legitimidade. (VENTURA, 2001, p.13).

O regime militar marcou fortemente o campo da educação promovendo mudanças significativas na estruturação da educação escolar.

No Âmbito do Sistema escolar como um todo, os governos militares foram protagonistas de um projeto de reforma do ensino fundamental e médio mediante a Lei 5.692/71. Essa lei instituiu a “profissionalização universal e compulsória para o ensino secundário”, estabelecendo, formalmente, a equiparação entre o curso secundário e os cursos técnicos. Pretende-se fazer a opção pela profissionalização universal de 2º grau, transformando o modelo humanístico/científico num científico/tecnológico. (MANFREDI, 2002, p.105).

Segundo Oliveira (2007, p.3), na instauração da Nova República, difunde-se um clima de democratização e de participação social que impactou o campo educacional, levando a promulgação da Lei 9394/96, segunda Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB).

Essa LDB desvincula a Educação Profissional do sistema de Educação Nacional e, no seu artigo 40, possibilitou a articulação e não mais a integração, conforme ocorria, anteriormente.

O Decreto 2208/97 promoveu a reforma da Educação Profissional e determinou: a extinção da integração entre educação geral e profissional: a priorização das necessidades do mercado: o afastamento de Estado do custeio da educação: o fim da equivalência entre educação profissional e ensino médio. A portaria 646/97 determinou aos CEFETs, criados em 1978 com a transformação das Escolas Técnicas Federais de Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro em CEFETs, a expansão crescente da matrícula no ensino profissional e a drástica redução do número de matrículas, no ensino médio.

Mais recentemente, durante o período do Governo Lula (2003-2010) foram implementadas mudanças na educação profissional, sobretudo, no âmbito dos CEFETs.

Em 2003, através da Portaria nº 3621 foi criado o Fórum Nacional de Educação Profissional e Tecnológica, vinculado ao Ministério da Educação que visava estabelecer uma interlocução entre sociedade civil e o Estado.

Em 2004, a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec) lançou o documento “Proposta de Política Pública para a Educação Profissional e Tecnológica”, para: adequá-la ao mundo do trabalho; articulá-la à Educação de Jovens e Adultos.

Ainda em 2004, foi veiculado o Decreto 5154/2004 que possibilitou a volta à integração entre os ensinos médio e profissional. Além disso, extinguiu o denominado nível Básico, substituindo, também, o questionado “ensino por módulos<sup>5</sup>”, pelo “ensino por etapas<sup>6</sup>”.

O Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Proeja se consubstanciou a partir de 2005 com a Portaria do Ministério da Educação nº 2.080, a qual estabeleceu diretrizes para a oferta de educação profissional integrada ao ensino médio na modalidade de educação de jovens e adultos.

A partir dessa data iniciou-se intensa discussão através de fóruns de debates com todas as áreas que estavam envolvidas no projeto. Dessas discussões, o MEC regulariza essa nova modalidade de ensino a partir do Decreto nº. 5.840 de 2006 que regulamentou que toda rede

---

<sup>5</sup> Conteúdo é dividido em partes de forma estratégica, sendo cada parte uma etapa do estudo.

<sup>6</sup> Segundo a LDB, em seu artigo 21 a Educação escolar é dividida em dois níveis : a Educação Superior e a Educação básica que apresenta três etapas: Educação Infantil, ensino Fundamental e ensino médio.

tecnológica federal de ensino e Sistema S, deveria, obrigatoriamente ofertar cursos do Proeja com incentivo financeiro já em 2007.

Antecedendo a oferta dos cursos do Proeja, uma proposta de formação/qualificação de professores e gestores para atuar nessa modalidade através de cursos de especialização Proeja e a criação do núcleo de pesquisa sobre Proeja (Pós-Graduação *Stricto Sensu*).

Desse modo, o Proeja surge como uma política governamental para a formação profissional de jovens e adultos, que por um motivo ou outro não tiveram oportunidade de escolarização na idade regular, além de promover a educação de jovens e adultos como modalidade de ensino respeitada e valorizada pelo governo, ação que até então não encontrávamos dentro do Ministério da Educação.

Assim com a Port. nº 5.840/2006, já a partir de 2007, todos os Centros Federais de Educação Tecnológica- CEFET já seriam obrigados a implantar o Proeja em sua instituição, oferecendo pelo menos 10% de seu total de vagas para os cursos dessa modalidade.

Assim, inicialmente, as justificativas para não ofertar cursos destinados a Jovens e Adultos, eram desde a ordem de capacitação docente até infraestrutura inadequada para os sujeitos da EJA.

No âmbito do CEFET – Goiás, segundo Vitorette e Castro (2008, p.3) mesmo o Decreto 5.154 de 23 de julho de 2004 não conseguiu restabelecer ações contrárias aos princípios que atrelam a educação profissional e tecnológica ao mercado de trabalho, os quais se justificavam em uma suposta necessidade de se formar trabalhadores para ajudar a enfrentar os desafios do crescimento econômico.

Há de se observar também que, como mostra o crescimento das taxas de matrícula na educação de jovens e adultos no Brasil (MEC, 2014) o incentivo a partir de 2003 apresentou em sua gestão por meio do Proeja foi um grande avanço. Tal incentivo nos faz perceber a importância dessa modalidade de ensino, bem como quanto o país estava carente de uma política nessa direção, pois a população trabalhadora demanda por formação cidadã e técnico-profissional.

Devido as desigualdades sociais provocadas pelo meio de produção capitalista, a educação integral na EJA se faz relevante porque é nesse processo que se observa o desenvolvimento dos sujeitos em todas as suas dimensões, intelectual, física, emocional e cultural. Segundo Silva (2015), como os jovens e adultos possuem necessidade de diálogo entre o mundo do trabalho e a sociedade, a educação deve ser tratada como uma instituição formativa que faz a articulação entre trabalho e sociedade sem que se submeta ao trabalho. Neste contexto, o Instituto Federal de Ciências e Tecnologia de Goiás – Campus Jataí (IFG-

Campus Jataí) implantou em 2013, o Curso Técnico em Secretariado integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA, o qual cumpria a Lei de criação dos Institutos (Lei Nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008) e por consequência conseguiria promover a educação de qualidade e emancipadora desses sujeitos.

Em síntese, esse percurso histórico e político, nos possibilita evidenciar que a educação no Brasil tem sido marcada como algo próprio da classe dominante. Na maioria das vezes essa educação, principalmente de ensino médio, é somente para preparação de alunos no ingresso ao ensino superior, sem levar em conta as necessidades das classes menos favorecidas. É nesse ensino médio que observamos uma ênfase na formação intelectual, com restrita visão na formação para a cidadania.

Tal formação, caro professor da rede pública de educação, não pode centrar-se exclusivamente nos conteúdos voltados para o acesso ao ensino superior, quer seja o vestibular ou o Enem, tampouco o foco pode ser a formação instrumental para o mercado de trabalho, centrada na lógica das competências para a empregabilidade. Ambas são mutiladoras do ser humano. Ambas são unilaterais ao invés de se apoiarem na omnilateralidade. (BRASIL, 2013, p. 34).

Mas o que vemos na maior parte das vezes é uma educação de qualidade levando em conta as camadas mais favorecidas em detrimento dos trabalhadores. Assim, produz-se um ensino médio e uma educação básica de qualidade para as camadas mais privilegiadas da sociedade.

Dessa forma, na formação do trabalhador, a educação passa por duas vertentes diferentes e importantes: A primeira é a vertente da profissionalização. A escola nesse caso deve preparar o estudante para o trabalho usando técnicas requeridas pelo mercado de trabalho. A segunda é a vertente da intelectualidade. Segundo Brasil (2013), a escola nesse caso deve preparar o aluno para ser uma pessoa crítica, autônoma e capaz de lutar pelos seus direitos. É difícil ver essas duas vertentes sob um mesmo ângulo, apesar de as duas juntas serem o essencial para a formação do cidadão-autônomo.

No contexto social brasileiro, ainda encontramos uma grande divisão de classes, e ainda uma grande pressão do mercado sobre a mão-de-obra formada nas escolas e outras instituições. Ainda vemos que na maioria das vezes a mão de obra é preparada somente para executar o trabalho sem questionar o que está fazendo, o porquê daquele trabalho e por que a pessoa executa o trabalho. Esse tipo de educação pode ser caracterizada como repressora e conformadora, evidenciando a grande distância entre as classes, que "nesse contexto, a

educação profissional tem se constituído em uma ação de caráter técnico e político inerente ao processo de ampliação da maquinaria e de reconfiguração dos mecanismos de mediação do conflito de classe”.(SOUZA, 2015, p. 51).

Se tivéssemos uma educação geral, acadêmica, formativa, intelectual para toda a população, e se essa educação fosse voltada para conscientização do papel do cidadão na sociedade, de como ele poderia mudar o rumo de sua vida, possivelmente teríamos um país mais justo e mais desenvolvido do ponto de vista social, porque

Na relação dos seres humanos para produzirem os meios de vida pelo trabalho, não significa apenas que, ao transformar a natureza, transformamos nós mesmos, mas também que a atividade prática é o ponto de partida do conhecimento, da cultura e da conscientização. (FRIGOTTO, 1985 p. 3).

Mas é preciso ter em vista que a educação não pode ser a única ferramenta para esse processo. Temos que aprender que a escola é uma instituição que contribui para preparar o indivíduo para o trabalho e para a vida social. Isso ainda é difícil porque o próprio Estado não garante/incentiva esse tipo de formação, porque se a escola conseguisse ajudar na conscientização da população a respeito de sua força e importância na vida social, política e econômica, esse Estado que conhecemos hoje, possivelmente não existiria e, por isso, não observamos o interesse e esforço para uma educação efetivamente de qualidade para todos como cita Gramsci (2001):

[...] na escola unitária, a última fase deve ser concebida e organizada como a fase decisiva, na qual se tende a criar os valores fundamentais do “humanismo”, a autodisciplina intelectual e a autonomia moral necessárias a uma posterior especialização, seja ela de caráter científico (estudos universitários), seja de caráter imediatamente prático-produtivo (indústria, burocracia, comércio, etc.). O estudo e o aprendizado de métodos criativos na ciência e na vida devem começar nessa última fase da escola, não devendo mais ser um monopólio da universidade ou ser deixado ao acaso da vida prática: esta fase escolar já deve contribuir para desenvolver o elemento da responsabilidade autônoma nos indivíduos, deve ser uma escola criadora. [...] O advento da escola unitária significa o início de novas relações entre o trabalho intelectual e o trabalho industrial não apenas na escola, mas em toda a vida social. (p. 38-39).

De qualquer forma, é fundamental repensar a escola que temos. Como afirma Arroyo (1992),

Para repensar a teoria pedagógica, a didática, os currículos, a organização escolar na medida em que repõe a centralidade formadora e deformadora das

práticas, dos rituais, das formas de interação dos educadores e educandos, das formas de relacionar-se com os objetos, os métodos e o conhecimento, de relacionar-se com os tempos e espaços. Repõe a centralidade educativa da materialidade e das relações sociais imperantes na escola, na fábrica e no cotidiano da família, da cidade, etc. Muitas propostas inovadoras de intervenção na escola têm como preocupação repensar a materialidade, as relações sociais, as estruturas que as objetivam a cultura que as legitima. (p.40).

Tendo em vista a lógica da democratização dos saberes e dos conhecimentos historicamente produzidos, faz-se necessário, como afirma Arroyo (1992), “discutir a teoria pedagógica, a didática, os currículos e a organização escolar”. Só assim, estaremos pondo em discussão a questão da formação, de modo a alterar as práticas, os rituais, as formas de interação dos educadores e educandos, constituídas ao longo de séculos de exclusão social.

Devido às desigualdades sociais provocadas pelo meio de produção capitalista, a educação integral na EJA se faz relevante porque é nesse processo que se observa o desenvolvimento dos sujeitos em todas as suas dimensões, intelectual, física, emocional e cultural, que segundo Souza (2015),

De acordo com a ótica do capital, a Educação Profissional baseia-se na distinção entre formação para o trabalho manual, para a grande massa de trabalhadores, e formação para o trabalho intelectual, para uma elite privilegiada. No entanto, para ambas as parcelas da força de trabalho, a Educação Profissional tem como objetivo a constituição de um novo tipo de cidadão voltado para o mercado, quer como sujeito empreendedor, quer simplesmente como sujeito de consumo. Nessa perspectiva, a formação profissional vem atender aos mecanismos sociais e políticos da reprodução das relações sociais fundadas na estrutura de dominação de classe. (p.54-55).

Segundo Silva (2015), como os sujeitos possuem necessidade de diálogo entre o mundo do trabalho e a sociedade, a educação deve ser tratada como uma instituição formativa que faz a articulação entre trabalho e sociedade e dessa forma possibilitar a formação profissional emancipatória sem que esses sujeitos se submetam ao trabalho explorador de mão de obra.

### ***2.1.1 O conhecimento técnico-científico e seus (con) fins para a educação de jovens e adultos trabalhadores***

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil ainda hoje se mostra um desafio porque continuamos encontrando pessoas que não conseguiram concluir todos os níveis da educação básica, mesmo com as políticas implantadas para eliminar o analfabetismo e



garantir a permanência das pessoas na escola. Esse processo de abandono da escola pelas pessoas que se apresentam na idade escolar passa a ser um problema porque o processo evidencia o grande abismo social que o país apresenta.

Segundo Valdés (2014), quem frequenta a EJA compartilha as seguintes características: 1) São alfabetizados ou aspiram a sê-lo; 2) Tem experiências anteriores de educação formal e estão motivadas a melhorar seus projetos pessoais num mercado de trabalho com novas exigências; 3) Possuem diversidade de conhecimentos e saberes e, em geral, estão incluídos num âmbito profissional, tendo como assunto pendente e necessidade pessoal uma certificação de estudos, 4) São pais/mães que querem acompanhar melhor seus filhos no âmbito escolar e no seu desenvolvimento pessoal e social; 5) Sua falta de acesso ou interrupção de educação formal costuma formar parte de uma trama social mais complexa do que a educativa, que pode implicar pobreza, violência familiar, marginalização, iniquidade de gênero ou discriminação (p. 121).

A necessidade dos capitalistas se apropriarem dos meios de produção e arrumar uma forma de manter o proletariado sempre a seu dispor, concordando e até incentivando a exploração de seu trabalho, que observamos através da pouca escolarização e falta de oportunidades para a maioria dos indivíduos que estão participando do processo de industrialização, evidencia o grande abismo entre proletariado e a classe burguesa, que consegue manter essa dominação pelo princípio da propriedade privada que vem se avolumando porque na visão capitalista e burguesa quem mais “possui” tem mais valor. Assim, sempre haverá mão de obra e consumidores que alimentarão esse modo capitalista.

Mas para manter esse processo de domínio não basta estar atento somente aos meios de produção e consumo. Observar como controlarmos a natureza é uma forma de relacioná-la com a dominação que alguns têm sobre tantas pessoas. Estamos nos colocando à parte da natureza e fazendo com que as técnicas sirvam de domínio desse meio em que estamos inseridos. A vida das pessoas e a melhoria dela está ligada ao conhecimento, à ciência e estas vão se unir ao sistema econômico que transformará a moral de um ser humano em um dos artifícios de dominação. Assim, de acordo com Jarroson (1996), a economia apresenta três domínios: a empresa domina o consumidor, a empresa domina o assalariado e a conjuntura domina o patrão. Assim a dominação atinge todos os setores da sociedade.

Contudo, a ciência não pode responder e dar conta de tudo, visto que mesmo produzindo efeitos na natureza ela também gera problemas que, para resolvê-los, temos que utilizar dessa mesma ciência. Como é o caso da poluição emitida pelos carros, andamos mais

rápido, mas precisamos de mais tecnologia para eliminar a poluição proveniente desses veículos, como nos mostra Jarrosson (1996):

Quando me desloco de carro, produzo a deslocação que quis e gases poluentes que não quis. Quando esses efeitos indesejáveis se tornam não desprezíveis como hoje em dia, o homem é obrigado a utilizar a sua própria tecnologia para eliminar esses resíduos. Mais um limite que faz duvidar da capacidade da ciência em solucionar os problemas, em particular os que ela mesma provoca (p.24).

Observamos que mesmo transformadora, a ciência não pode resolver todos os problemas do mercado e do capitalismo, percebemos que o mundo em que vivemos está em constante mudança e até nossas necessidades estão inseridos nesse contexto. O que é importante para um indivíduo pode não ser para outro em determinado lugar, ou cultura ou mesmo em países diferentes. Isso faz com que cada vez mais exista a necessidade de mais mercadoria (JARROSSON,1996, p. 77).

Assim, podemos identificar na ciência uma forma de poder. O conhecimento se transforma em um produto valioso na medida em que a tecnologia avança e ganha mais particularidades e saberes. Não é mais possível viver bem em um mundo moderno sem deter o conhecimento básico das tecnologias que nos cercam, porque cada vez mais o mundo é globalizado e o nosso prazer só pode ser satisfeito com a inserção das tecnologias mais avançadas.

Dessa forma, observamos que as decisões políticas passam a recorrer a cientistas especialistas transformando agora, segundo Fourez (1995), nas denominadas tecnocracias, que nessa perspectiva passa a se consolidar como um abuso de poder, porque “o enfoque tecnocrático, ao pretender poder determinar a política (ou a ética) a ser seguida, graças ao conhecimento científico, comete um “abuso de saber”, pois afinal, o conhecimento científico não é neutro” (FOUREZ, 1995, p.212). Em contrapartida, aceitar que as pessoas tomem decisões a partir de suas próprias vivências sendo que ao determinar suas necessidades, os meios que utilizarão para tal são indiferentes. Assim, segundo Fourez, (1995),

a escolha dos meios técnicos determina toda uma organização social, e não é indiferente em relação aos valores e aos fins. É essa impossibilidade final de distinguir de maneira adequada os meios e os fins que leva a uma representação da interação entre o saber e as decisões éticas ou políticas como negociação pragmáticas. Trata-se de negociações sociopolíticas se se trata de determinar decisões relativas à sociedade; trata-se de debates éticos se se trata de discutir para determinar o que se considera como comportamentos sociais adequados. (p.216).

Nesse sentido, é de suma importância a disseminação do conhecimento científico, porque pode levar as pessoas a terem um certo poder dentro da sociedade devido ao conhecimento das técnicas que serão utilizadas pelo indivíduo, facilitando o uso dessas tecnologias. Assim “em uma sociedade fortemente baseada na ciência e na tecnologia, a vulgarização científica tem implicações sociopolíticas bem importante” (FOUREZ, 1995, p.221).

### ***2.1.2 A formação do trabalhador e o desenvolvimento do país***

Nesta subseção, intenta-se responder o porquê da influência desses organismos nas políticas educacionais brasileira e o que isso acarreta no desenvolvimento escolar, social e político dos alunos e como as ações pedagógicas e políticas dos profissionais que atuam na educação no país pode contribuir para a emancipação desses sujeitos.

Para tanto, iniciaremos nossa discussão, com base em Souza et. al. (2015), a partir do governo militar, vez que nesse período ganham relevo a separação de uma educação trabalhadora e uma educação elitista e medidas tais como: privatização do ensino; interferência dos organismos internacionais nas políticas educacionais; a restrição dos direitos do cidadão.

No governo militar, a educação passa a ter importância pelo seu valor econômico. Deixaram ao acaso a responsabilidade de financiamento de uma escola pública, facilitando os caminhos para a privatização do ensino. Aqui se percebe a inserção dos organismos internacionais vinculados ao governo americano nas reformas educacionais como nos chama a atenção. Souza et. al. (2015), relataram que:

Em 1964, por meio da lei n. 4.440, é instituído o salário-educação. E, em busca da modernidade, é assinado o acordo MEC/USAID para assessoria no ensino primário de 1964 com a vinda de técnicos norte-americanos. No ano de 1965, o acordo MEC/USAID é expandido para a melhoria do ensino médio. Ele prevê assessoria técnica americana para o planejamento do ensino e o treinamento de técnicos brasileiros nos Estados Unidos. (p.09).

Dessa forma, podemos observar que a política educacional depende do desenvolvimento social e econômico do país e que no governo militar, esse fator contribui para a garantia do controle político e ideológico da população trabalhadora, passando a educação a ser um dos processos de desenvolvimento econômico da nação.

Todo esse processo depende da formação do Estado. No estado capitalista, no qual estamos inseridos, tendo “como parte da sua função, a manutenção da ordem interna, a garantia do direito à propriedade e os contratos estabelecidos no mercado” (SOUZA et. al., 2015, p. 15), se define como o conjunto de instituições permanentes que possibilitam a ação do governo<sup>7</sup>.

Podemos identificar políticas públicas como o resultado de uma interação complexa entre Estado e sociedade, no qual a educação está caracterizada como uma política social e, dessa forma, defender a educação como condição emancipadora social, faz-se necessário como contraponto ao capitalismo e suas medidas de alienação do indivíduo. Esse processo se dá a partir de 1990, com o advento do neoliberalismo, sendo que a educação se mostra a serviço da competitividade econômica e que deve ser gerido de acordo com as empresas, fazendo com que a escola privada seja o modelo para a escola pública e cada vez mais a influência dos organismos externos influenciam nas políticas educacionais devido ao financiamento dessas organizações no setor público.

Assim o indivíduo passa a ser responsabilizado pela sua formação porque a educação passa a ser um investimento pessoal, para que consiga melhores colocações dentro do mercado, tirando a responsabilidade do Estado com a Educação Pública de qualidade e profissionalizando a trabalho docente. Aqui já percebemos a transferência da culpa do fracasso social do indivíduo. A culpa passa a ser do próprio indivíduo, que não teve competência suficiente para mudar seu contexto social.

Nesse sentido, organismos internacionais, tais como a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO), o Banco Mundial, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) (LIBÂNIO, 2016), tem influenciado na construção e aplicação das políticas educacionais do Brasil, que não vislumbram a emancipação dos sujeitos, e sim os fatores econômicos que são inseridos dentro da educação neste contexto.

No contexto das transformações da sociedade contemporânea, e considerando a influência desses organismos internacionais, a educação não é vista como um direito social (SOUZA et. al., 2015), mas como uma mercadoria, na condição de propriedade. A redução do Estado ascende o terceiro setor. Assim, as ideologias dos organismos externos entram em

---

<sup>7</sup> Grupo responsável pelo planejamento e condução de determinadas políticas e do conjunto de programas e ações, durante certo período. (SOUZA; RAFAEL; OLIVEIRA, 2015, p.16)

sintonia com as ideologias do Estado seguindo o valor do mercado que traz uma visão minimalista onde o aprender sozinho é mais importante.

Dessa forma, as políticas na educação são definidas pelo modo de produção e organização do trabalho e não pela formação integral do trabalhador que não conseguirá contribuir para formação de pessoas críticas e conscientes da sociedade em que vivem, mantendo sempre a desigualdade social da nação.

No que pese as políticas educacionais dos anos 1990, ganhou palco a crise do Estado de Bem-estar, no contexto da descentralização das responsabilidades estatais, comprovando as novas diretrizes do estado neoliberal com a participação dos organismos externos na definição das políticas educacionais.

A reforma educacional se deu na adequação da educação ao cenário de mudanças das relações sociais, culturais e econômicas do mundo globalizado, onde o Brasil, devido aos altos níveis de analfabetismo e pouca escolarização da população, não estava participando desse avanço tecnológico (MUSSIO, 2014).

Dessa forma, o Brasil se comprometeu a criar métodos para melhoria das condições sociais e econômicas da população conferindo centralidade da educação enquanto estratégia de desenvolvimento econômico, justiça e igualdade social, com os organismos externos (Banco Mundial, UNESCO e outros) redefinindo a função do governo e este se articulando com o setor privado.

Nesse período, surgiram vários programas de ensino, que priorizaram a implantação de intervenções de natureza avaliativa como o Saeb, Enem e Provão, bem como passam a responsabilizar o indivíduo e a escola pelo seu fracasso e empobrecimento, conseqüentemente aumentando a concorrência entre as escolas e entre os próprios profissionais que estão ligados a esse processo.

Dambros e Mussio (2014) destacaram que:

Via-se como necessário o acesso universal à escola, com iguais condições de oportunidades e de qualidade para todos, a fim de que a população aprendesse os códigos da modernidade e que resultasse em iguais condições sociais, como a conquista de um emprego. Além disso, o documento destacava a necessidade de reformas administrativas que transmutassem o papel do Estado, o qual deveria passar de administrador e provedor para avaliador, incentivador e gerado de políticas. (p.7)

Assim, observa-se que implementar um projeto educacional articulado com interesses internacionais, mesmo aumentando a escolaridade da população, se agravam as desigualdades

sociais, porque a máxima da política neoliberal implementada no país nesse período, é a preparação do indivíduo para o mercado, cujo interesse das grandes empresas é a mão de obra qualificada, mas obediente às exigências do mundo globalizado e consumista.

Na perspectiva de Libâneo (2016), as políticas educacionais aplicadas às escolas sofrem influências por orientações dos organismos internacionais, quando vemos institucionalizada as “políticas de alívio a pobreza expressas numa concepção de escola como lugar de acolhimento e proteção social” (p. 40) transformando as escolas e a educação em processo assistencialista. Dessa forma, a escola deixa seu papel de formação cultural e científica de lado, perdendo sua identidade.

Assim, devemos pensar o que a escola está destinada a fazer, a quem ela pode se prestar, como ela se comporta dentro das diferentes classes sociais e o que os organismos internacionais buscam nesse processo de intervenção das políticas educacionais do país. Segundo Libâneo (2016):

A internacionalização das políticas educacionais é um movimento inserido no contexto da globalização, em que agências internacionais multilaterais de tipos monetário, comercial, financeiro e creditício formulam recomendações sobre políticas públicas para países emergentes ou em desenvolvimento. (p.42).

Essas recomendações são aquelas que estão norteando a formação das políticas educacionais do Brasil. Essas, transformam a educação em um negócio voltado para as expectativas do mercado que ajudam na formação de pessoas alienadas que vão participar do mundo globalizado, sem realmente estar inseridos no contexto social e na formação da sociedade.

O processo citado pode ser evidenciado em Libâneo (2016), quando ele diz:

Os inúmeros documentos de análise e de proposição de estratégias formuladas pelo Banco Mundial abrangem as mais diversas temáticas. Para as intenções deste artigo, importa comentar as orientações formuladas em torno das relações entre educação e desenvolvimento econômico e particularmente, do papel da educação para os grupos sociais mais desfavorecidos. Por volta dos anos 1990, elas passaram a incorporar temas como justiça, equidade e inclusão, os quais deveriam figurar nas políticas educativas para países emergentes, em torno do mote “educação para alívio da pobreza” (grifo do autor). (p.45).

O alívio da pobreza no mundo globalizado, vale destacar, que tamanha desigualdade pode prejudicar o mercado que cada vez mais se apresenta produtor e formador de novas

tecnologias, as quais precisam ser circuladas na sociedade. Esse processo globalizado de produção e consumo não é eficiente se grande parte da população não tiver renda suficiente para manter o ciclo do capitalismo ativo, o ciclo do produzir – consumir – produzir – consumir. Neste contexto, “a satisfação de necessidades básicas de aprendizagem significa criar instrumentos necessários para que o aluno alcance a aprendizagem como produto, ou seja, conhecimento e habilidades necessárias ao mercado de trabalho”. (LIBÂNEO, 2016, p. 47).

Essas estratégias dos organismos internacionais têm por objetivo manter a população bem informada sobre o mercado, mas bem alienada quanto a sua participação nesse mercado. Dentro desse contexto capitalista, o enfoque de educação na capacidade de o indivíduo desenvolver o pensar por si mesmo, conhecer os conteúdos científicos e críticos não estão inseridos na educação e nem na formação das políticas que regem as unidades educacionais. Assim, segundo Libâneo (2016):

Ficando a educação escolar restrita a objetivos de solução de problemas sociais e econômicos e a critérios do mercado, compromete-se seu papel em relação a suas finalidades prioritárias de ensinar conteúdos e promover o desenvolvimento das capacidades intelectuais dos alunos. Desse modo, tais políticas levam ao empobrecimento da escola e aos baixos índices de desempenho dos alunos e, nessa medida, atuam na exclusão social dos alunos na escola, antes mesmo da exclusão social promovida pela sociedade. (p. 48).

As políticas educacionais do Brasil, com todas as influências externas já citadas, promovem nas pessoas a aceitação de que sua inserção no mundo globalizado depende exclusivamente de seus sucessos e que seu fracasso é culpa exclusivamente sua. Assim percebemos uma grande diferenciação na educação dentro das diferentes classes sociais. Vemos que a educação para as classes trabalhadoras (os pobres) está inserida em uma escola de acolhimento social e a educação para as classes abastadas (os ricos) da sociedade é aquela em que as escolas buscam o conhecimento científico e a aprendizagem real com formação de indivíduos críticos e preparados para manter a dominação capitalista.

A formação crítica da sociedade brasileira, a partir das políticas educacionais inseridas nas escolas do país, nos remete a um processo alienante desde os primeiros processos educativos advindos da educação jesuítica.

O que observamos hoje é que os organismos externos fazem com que nossas políticas educacionais tornem seus sujeitos cidadãos técnicos com pouca ou nenhuma criticidade. Essas pessoas, que estão inseridos no mercado de trabalho e no contexto social, nem mesmo tem

consciência do papel importante que eles desempenham na manutenção da exploração do capital devido sua falta de informação e a falta da educação crítica e emancipadora que essas pessoas não tiveram oportunidade de conhecer.

O mesmo fenômeno não é observado na formação das classes mais abastadas. Até na formação dos currículos educacionais observamos que as políticas podem ser utilizadas como alienantes e excludentes e diferenciar as classes sociais. Um exemplo é o currículo diversificado, que pode se “restringir a um Kit de habilidades de sobrevivência social para empregabilidade precária” (LIBÂNEO, 2016, p. 57) o que não acontece na iniciativa privada que mantém no currículo conteúdos culturais e científicos significativos que promove em seus alunos uma visão crítica da sociedade em que ele está inserido.

Perceber a influência que os organismos internacionais têm na formação das políticas educacionais do Brasil nos leva a compreender o quanto a educação pode influenciar na vida de um indivíduo.

A escola pode servir tanto como uma ferramenta alienante como uma ferramenta emancipadora dos sujeitos. Criar uma sociedade mais justa pode sim partir de uma educação de qualidade, de uma escola que “por meio dos conteúdos, propicia as condições de desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral dos alunos, considerando suas características individuais, sociais e culturais e as práticas socioculturais de que vivenciam e participam” (LIBÂNEO, 2016, p. 60). Dessa forma os educadores podem levar os educandos a uma libertação crítica acerca dos processos sociais a que estão inseridos diminuindo o abismo social e econômico que a população brasileira apresenta. Essa desalienação só poderá ser possível com a própria conscientização dos professores para a importância de uma educação não benevolente e sim uma educação de qualidade a que toda a população tem direito. E acima de tudo, uma educação pública emancipatória de qualidade onde a diferença de classes deixe de influenciar na formação do educando.

Dessa forma, as gerações futuras poderão escolher e formular suas próprias políticas educacionais sem a interferência dos organismos externos e promover uma sociedade mais justa e igualitária onde todos os processos da vida de um indivíduo sejam levados em consideração.

Em síntese, nesta seção, tratamos sobre a importância da escolarização no processo emancipatório e do papel das instituições de ensino na permanência dos alunos na escola. A formação do currículo pode influenciar muito no caminho que o aluno faz no decorrer de um curso, e as retenções e reprovações podem influenciar na maneira como esses sujeitos se comportam dentro do processo educativo.



## 2.2 O conhecimento técnico-científico e seus (con)fins na formação de jovens e adultos trabalhadores

Partindo do pressuposto teórico de que uma educação emancipadora para alunos da EJA deve passar por um conhecimento técnico-científico, nesta subseção, discutiremos o papel do conhecimento científico na formação crítica dos alunos, levando em conta os aspectos da ciência e sociedade; técnica, trabalho e natureza humana e ciência tecnologia e sociedade.

A Educação Profissional na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Proeja – instituída no Brasil pelo Decreto nº 5.478/2005 e substituído pelo Decreto 5.840/2006, firmou-se como uma política educacional que visava a inserção dos jovens e adultos afastados da educação e que já estavam inseridos no mercado de trabalho e que necessitavam de formação propedêutica e também técnica para poderem alcançar um desenvolvimento completo entre o saber fazer e o desenvolvimento intelectual. A ideia geral era proporcionar a esses indivíduos a capacidade de serem pessoas críticas que poderiam entender os processos de produção e sociedade em que se inserem.

Assim, apresentaremos uma discussão de como esse trabalhador é explorado e como a educação, a ciência e a tecnologia, dentro de um contexto social, podem ajudar a criar um indivíduo crítico e participante das evoluções técnico-científicas.

A necessidade dos capitalistas se apropriarem dos meios de produção e arrumar uma forma de manter o proletariado sempre a seu dispor, concordando e até incentivando a exploração de seu trabalho, que observamos através da pouca escolarização e falta de oportunidades para a maioria dos indivíduos que estão participando do processo de industrialização, evidencia o grande abismo entre proletariado e a classe burguesa, que consegue manter essa dominação pelo princípio da propriedade privada que vem se avolumando porque na visão capitalista e burguesa quem mais “possui” tem mais valor. Assim, sempre haverá mão de obra e consumidores que alimentarão esse modo capitalista.

A esse processo se avoluma quando observamos que as pessoas que estão inseridas nesse processo de industrialização em grande parte são pessoas pouco esclarecidas com baixa escolaridade onde se necessita uma intervenção política dentro da Educação de Jovens e Adultos (EJA) que visa a escolarização desses sujeitos, mas que

Identifica-se na política da EJA analisada, entre outras, duas tendências: a primeira que destaca a ausência de continuidade na escolarização de jovens, adultos e idosos, no conjunto da política educacional, a segunda, que

identifica uma alteração nos princípios de integração da educação básica e educação profissional, retornando uma velha lógica da relação educação e trabalho que se circunscreve na promessa de treinamento rápido e emprego aos trabalhadores, para servir a uma lógica de mercado que efetivamente já não se materializa no contexto da produção econômica. (MACHADO, RODRIGUES, 2013, p. 375).

Neste contexto, o surgimento do Programa Nacional de Educação Profissional Integrada a Educação Básica na modalidade de Jovens e Adultos (Proeja) pode ajudar na perspectiva de amparar esses sujeitos na inserção no mercado de trabalho e que o posicionamento político para tanto pode influenciar na apropriação dos modos de produção pelo trabalhador.

Dessa forma, podemos nos arremeter a importância dessa política do Proeja inserido no Brasil em 2005. Ela pode propiciar a inserção do proletariado na sociedade e dar poder a essa classe de pensar as políticas sociais dentro do contexto em que este sujeito está inserido, transformando o trabalhador em indivíduo participativo das decisões políticas, podendo transformar a sociedade em que vive e melhorar sua própria vida a partir da ética e da moral que podem ser transformadas a partir do conhecimento tanto de si quanto do conhecimento científico.

O conhecimento científico no Proeja traz a possibilidade de que o aluno inserido nessa modalidade tenha um desenvolvimento intelectual e social muito apurado, visto que a educação científica atualmente é de relevância, porque no mundo em que vivemos as tecnologias estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas.

Quando um indivíduo, que abandonou o ensino, entra novamente na escola depois de inserido no mercado de trabalho, a visão de mundo e suas experiências contribuem para a apropriação dos conceitos científicos. Nesse sentido, a alfabetização científica, mesmo para os adultos, é de extrema importância “para que um país esteja em condições de satisfazer as necessidades fundamentais da sua população, o ensino das ciências e a tecnologia é um imperativo estratégico” (CACHAPUZ, 2011, p. 18).

Assim, percebe-se que a educação científica se transforma em uma das ferramentas que levará o indivíduo alienado a se transformar em um indivíduo crítico e inserido cientificamente na sociedade. A importância desse fato se mostra na medida em que, a partir desses conhecimentos esses indivíduos participarão da tomada de decisões sobre a aplicação das novas tecnologias no contexto social em que vivem, até mesmo no mundo do trabalho em que são participante, porque ao adquirir esses conhecimentos esse indivíduo entenderá melhor

o que faz e como desenvolver seu trabalho. Ele deixa de ver sua produção como um mero objeto e passa a ser parte integrante do processo de construção desse objeto.

Dessa maneira, a alfabetização científica contribuirá na formação do cidadão, porque fazer parte da tomada de decisões na sociedade capitalista em que estamos inseridos é um fator determinante para o desenvolvimento do indivíduo.

Por conseguinte, os indivíduos percebem como estão interagindo com as pessoas e com o próprio meio em que vive, prestando atenção nos processos que podem causar sua dominação, visto que na sociedade capitalista a alienação auxilia no acúmulo de riquezas e exploração desses indivíduos. Saber como a tecnologia e a ciência podem contribuir tanto para a libertação quanto para a alienação do indivíduo, transforma as relações sociais de dominância e dominados.

Nesse contexto, a importância da ciência em nossa sociedade não é mais somente a busca da dominação, é também uma forma de diminuir essa dominação, como citam, Vaz, Fagundes e Pinheiro (2009):

O papel da ciência na atualidade não é mais entendido como busca de domínio do mundo, mas sim salvaguardá-lo, em um contexto em que o conhecimento científico ainda representa uma forma de poder que é entendido como uma prática social, econômica e política e um fenômeno cultural mais do que um sistema teórico-cognitivo. A ciência está no cotidiano e vem merecendo, cada vez mais, um atento olhar das ciências sociais no sentido de extrair a compreensão de sua extensão e de seu lugar na sociedade e na história. (p.101).

Visto que a apropriação da ciência e da tecnologia é um meio utilizado para a dominação, a apropriação desses conceitos se faz necessária para obter uma sociedade mais justa, com maior distribuição de renda e possibilitar o indivíduo ser menos explorado pelo sistema. Esse processo é obtido quando inserimos o estudo das inter-relações entre a ciência, tecnologia e sociedade (CTS) nas escolas.

Devido a isso, esses três fatores inseridos na educação serão um processo transformador da compreensão que o indivíduo terá, agora não só de seus direitos, mas também de sua interação e contribuição com a sociedade. Esse ponto, no Proeja, será um fator determinante na formação de um indivíduo crítico, capaz de transformar o ambiente em que ele está inserido, tanto em seu trabalho quanto na sua vida social.

No capitalismo, o saber passa a ser um fator de exploração porque, para produzir, é necessário ter conhecimento e sem conhecimento os indivíduos não são inseridos nos meios de produção, ou melhor, são inseridos, mas se mantêm alheios a esse sistema, concretizando

cada vez mais o processo de exploração, porque no capitalismo o trabalhador foi destituído dos meios de produção e assim passa a se ver fora de todo o processo facilitando a venda de si mesmo.

Assim percebemos que houve uma divisão social do trabalho, agora uns poucos, pensam, detêm e compreendem as técnicas e tecnologias, e outros executam o trabalho, nesse caso, a exploração da mão de obra, como afirma Marx (2004):

O homem já não se encontra numa situação de tensão exterior com a característica externa da propriedade privada. O que antes era *ser-externo-a-si-mesmo*, a exterioridade real do homem, transformou-se agora em simples ato de objetividade, de alienação. (p.132)

Sabendo que o homem é um ser social, que depende da sociedade em que ele está inserido para se reconhecer como ser humano, a exploração de sua individualidade causa desigualdade social e provoca sempre a busca de um maior enriquecimento e uma busca constante por dinheiro, ou acúmulo de capital. Isso ocorre porque no capitalismo o dinheiro faz com que o ciclo do capital e consumo aconteça e a busca da riqueza se torne um fator determinante na sociedade porque “não é somente a *riqueza*, mas também a *pobreza* do homem, que adquire um significado *humano* e social”. (MARX, 2004, p.146, grifo do autor)

Nesse sentido, conhecer a ciência, seus métodos e suas limitações pode fazer com que os indivíduos deixem de vê-la como divindade, e sim como algo que é necessário mas que apresenta falhas e assim crie dúvidas acerca do que está sendo exposto e utilizado, que sem essa consciência vai sempre parecer que vindo das ciências é tudo perfeito. Desmistificar a ciência e a tecnologia nas classes sociais menos favorecidas é um passo importante para a conscientização da exploração e do poder que esses fatores exercem na sociedade. Dessa forma, podemos evitar a “vulgarização científica” que pode levar a uma ilusão de que se compreende o princípio das ciências sem entrar na essência da ciência, o que pode provocar de novo a alienação do sujeito acerca desse conhecimento. (BAZZO, 1998, p.114).

Assim, podemos identificar a necessidade de eliminarmos o chamado analfabetismo científico-tecnológico e promover nas classes menos favorecidas uma participação efetiva nas decisões de caráter político e social. Não podemos mais só contemplar o desenvolvimento científico-tecnológico, devemos também criar uma cultura científico-tecnológica que levará as pessoas a refletirem a produção, a necessidade e seus resultados, reconhecendo também suas falhas e limitações.

O que podemos observar hoje, é que a população está à mercê da tecnologia. “A ciência e a tecnologia não estão apenas conformando as nossas vidas para melhor mas também, em muitas situações, fazendo-as mais perigosas” (BAZZO, 1998, p.127), porque a sociedade está se submetendo a cada nova exigência das tecnologias e fazendo com que elas sejam sempre respostas a todas as nossas necessidades, mesmo que essas necessidades nem mesmo existam. Por isso, é tão importante a inserção da educação científica no contexto escolar. Esse fator pode levar a uma compreensão de todo processo científico-tecnológico e social ao qual estamos todos inseridos, admitindo que é possível se posicionar de forma crítica dentro das novas exigências e identificando que a ciência e a tecnologia são processos sociais carregado de valores. (BAZZO, 1998, p.154)

Trazendo o estudo de Ciências, Tecnologia e Sociedade (CTS) para todos os níveis da escola, poderemos disseminar a importância da inserção de todas as camadas da sociedade no contexto científico e tecnológico e assim oportunizar a participação efetiva na geração de novas tecnologias. Assim, “trabalhar a neutralidade ou a não-neutralidade da tecnologia na sociedade e, mais especificamente na escola, passa a ser então uma questão de valores.” (BAZZO, 1998, p.155)

Dessa forma, podemos observar que as ciências e a tecnologia são dois fatores que influenciam a forma de vida da população e que o conhecimento de suas técnicas, seus valores e suas fragilidades podem ajudar na conscientização e na desalienação da sociedade e que para alcançar as camadas menos favorecidas, a inserção das CTS na educação se mostra um dos caminhos relevantes para se alcançar essa conscientização, como cita Bazzo (1998).

Quando se advoga o fato de dar-se oportunidade ao cidadão comum para que ele entenda o discurso científico, defende-se enfaticamente a disponibilização de condições para que ele possa discutir os rumos da ciência e da tecnologia como fator importante na sua forma de vida. (p.156)

Dessa forma iremos quebrar um pensamento equivocado de que somente os cientistas e profissionais da tecnologia podem conhecer seus intrincados métodos e processos e passando, a decidir quais e porque iremos utilizar as tecnologias e avanços científicos, tomando parte nas decisões, no uso das tecnologias e não sendo somente um instrumento de consumo alienado, o que estamos observando acontecer no mundo globalizado capitalista.

Uma escola de qualidade para a população de Jovens e Adultos deve ser pensada como um dos meios de desalienação e conscientização de como as ciências e a tecnologia estão inseridas no contexto social da atualidade. Esses dois fatores podem se apresentar como meios

de manipulação e dominação das classes menos favorecidas, porque observamos que grande parte da população utiliza da tecnologia e das ciências sem terem real consciência do que esses dois fatores influenciam em sua vida.

Assim, observamos que o conhecimento tecnológico e científico se faz necessário na EJA porque conhecer o que está sendo produzido e como está sendo produzido no mundo, além de se conscientizar do porquê da utilização de todas as tecnologias existentes, pode fazer com que essas pessoas passem a ser críticas daquilo que estão consumindo e assim deixando de ser meros consumidores alienados.

No Proeja, essa educação científico-tecnológica pode promover no indivíduo uma conscientização do próprio mundo do trabalho a que esses sujeitos estão inseridos e transformando sua própria prática profissional deixando de ser um cidadão conformado e explorado, sendo que esse processo exploratório é de suma importância para a expansão do capitalismo. A conservação do capital na mão de poucas pessoas causa uma desigualdade social de grandes proporções, por isso a importância da educação na vida do trabalhador é tão relevante. Através de uma educação de qualidade poderemos provocar uma conscientização do trabalhador e fazer com que em sua sociedade esse indivíduo possa contribuir para uma melhoria tanto na sua vida individual quanto na vida das pessoas que estão a sua volta, podendo participar das decisões acerca dos processos e avanços científico-tecnológicos e assim contribuir para uma sociedade mais justa onde a distribuição de renda possa privilegiar, não só uma minoria, mas toda uma classe.

Na visão de Snyders, segundo o texto de Piassi, a escola deve ser um espaço no qual o aprendizado inicial (cultura primeira) do aluno vai ser enriquecido de conceitos e ser transformado em um aprendizado elaborado capaz de transformar a satisfação inicial em um produto no qual o aluno poderá utilizar para enriquecer sua realidade. Para Snyders, o papel da escola é proporcionar o acesso à cultura elaborada, porque é essa cultura que habilita o indivíduo na tarefa transformadora” (PIASSI, 2015, p. 788).

Já na visão de Paulo Freire, segundo Piassi, é o sonho de um indivíduo que o impulsiona a reagir ao meio em que ele está inserido buscando alcançar as formas de realização de uma meta visualizada para se alcançar algo no futuro. Para esses autores, o sonho, como constituição de possibilidades imaginadas, dadas pelo presente, é parte fundamental da existência humana.

Dessa forma, o conhecimento científico aliado técnico por meio da oferta de cursos Técnicos integrados ao ensino médio na modalidade EJA constitui uma política pública fundamental, garante a esses trabalhadores tanto formação básica de nível médio, quanto uma

formação técnica-profissional que ampliarão suas oportunidades no mundo do trabalho.

### **2.3 A educação de jovens e adultos e os (con) fins da evasão escolar**

Durante o período em que estive a frente da coordenação de registros escolares no CEFET entre os anos de 2006 e 2010 e como professora de Biologia em turmas de EJA de escolas do Estado de Goiás, nesse mesmo período, percebi que o número de matrículas iniciais nessa modalidade no início de cada ano letivo geralmente, lotava as salas de estudantes. Quando formávamos as listas iniciais de alunos, tanto no CEFET, onde os alunos eram oriundos de processos seletivos quanto nas escolas do Estado onde havia matrículas simples<sup>8</sup>, elas continham turmas cheias, com uma procura significativa. Mas já nas primeiras semanas de aula, já notamos que o quantitativo de alunos matriculados que constavam nas listas não condizia com o quantitativo dos alunos encontrados efetivamente nas salas de aula, já observando assim a evasão desses cursos.

Caracterizamos a evasão escolar quando um aluno deixa de frequentar a escola e abandona os estudos. Esse processo de abandono é um assunto recorrente da maioria das instituições públicas, desde a educação infantil até cursos universitários, que passa por discussões das causas e motivos desse processo tão recorrente em todas as classes sociais. O que faz o aluno deixar a escola? Essa pergunta recorrente pode trazer análises que vai desde o desinteresse escolar até a falta de condições econômicas para a locomoção e frequência na escola. Segundo Neri (2015),

O que leva um adolescente a sair da escola? Muitas tentativas foram feitas no sentido de responder a esta questão. Grande parte da evidência empírica mostra que evasão escolar e pobreza são, intimamente, ligados e que trabalho infantil prejudica a obtenção de melhores níveis educacionais. Pode-se argumentar que a indisponibilidade de serviços educacionais de qualidade e a falta de percepção acerca dos retornos futuros levem o aluno ao trabalho precoce e aos baixos níveis educacionais. (p.21)

A evasão passa a ser um grande desafio das instituições de ensino porque o processo de permanência dos alunos na escola não é um problema exclusivamente institucional e sim problema de nível individual que passa pelo processo social, econômico e que deve partir do

---

<sup>8</sup> Aluno matriculado na secretaria da escola sem processo seletivo. Nesse caso o aluno bastava ir na escola e dizer sua intenção de estudar, munido com documento de identificação e comprovação de escolaridade anterior.

interesse do indivíduo que necessita de educação e preparação para uma melhor participação na comunidade em que ele está inserido.

Promover uma educação de qualidade e que seja atrativa aos estudantes é um ponto que podemos observar em boa parte das instituições de ensino. Esse fator é recorrente devido à preocupação observada na legislação vigente no país, na medida em que tanto o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90), quanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), como decorrência do enunciado dos arts.206, inciso I e 208, §3º, da Constituição Federal, há muito contém disposições expressas nesse sentido. Assim, promover a permanência do aluno na escola é uma das metas do poder público e que para tanto é necessário observar a interação da escola, sociedade e família para que todos juntos consigam a permanência desses alunos.

O que podemos observar nesse caso, é que quando os alunos se matriculam nas instituições, o grande desafio então, é mantê-los nelas, para que possa adquirir conhecimento e dessa forma promover a própria emancipação econômica e participar efetivamente na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Já é bem documentado na literatura que a educação é um dos fatores mais importantes para explicar a probabilidade de emprego e os rendimentos individuais no mercado de trabalho (SOUZA et al., 2012, p.05) o que nos resta agora é entender o processo que causa a evasão e aplicar recursos tanto financeiros quanto metodológicos que possa fazer da escola um ambiente atrativo para que esses alunos não desejem abandonar as aulas.

A Evasão não pode ser considerada um problema somente da Educação de Jovens e Adultos, mas nessa modalidade de ensino, se observa uma maior disposição para o abandono da escola. Os sujeitos da EJA são, em sua maioria, pessoas das camadas mais suscetíveis da sociedade, que estão geralmente desempregados ou inseridos em subempregos e devido a isso, a permanência pode ficar comprometida, devido a vários fatores que passa tanto pelo âmbito social, familiar, econômico e necessidade de emancipação individual (SILVA, 2015, p. 26742).

Tratar da evasão na EJA é tratar do fracasso escolar que encontramos nas escolas públicas em geral. O oferecimento de uma educação de qualidade pressupõe uma educação atrativa enquanto desafio das escolas e dos profissionais que nelas atuam, além de que a cultura de exclusão dentro dessas instituições se apresenta como uma das fontes de desistência desses sujeitos. Segundo Arroyo (1992),

a cultura da exclusão está materializada na organização e na estrutura do sistema escolar. Ele está estruturado para excluir. A cultura do fracasso, tão



presente em nosso sistema escolar, não está apenas no elitismo de alguns diretores, especialistas ou professores, nem sequer na rigidez das avaliações. Assim como uma contra-cultura do sucesso não será construída com a boa vontade de superar o elitismo ou a rigidez. Estamos sugerindo que essa cultura se materializou ao longo de décadas na própria organização da escola e do processo de ensino. No próprio sistema. Aí radica sua força e sua persistência, desafiando a competência dos mestres e das administrações mais progressistas. (p.47).

Esse processo de exclusão é que acaba gerando os sujeitos da EJA e sendo um dos motivos que a escola enfrenta para trazer de volta esses alunos e conseguir mantê-los dentro do processo educativo. Por isso, trazer o cotidiano para dentro da escola passa a ser um processo importante para iniciar-se a inclusão dessas pessoas novamente no meio acadêmico e fazer deles sujeitos com criticidade a ponto de entender o processo excludente a que estão inseridos e conseguir desaliená-los sendo capaz de transformar a vida de cada um desses sujeitos através da educação emancipatória.

Sobre o ensino de ciências da natureza no ensino médio, alguns estudos, tais com o de Moraes (2009), mostram que os motivos da evasão e retenção em disciplinas, predominantemente são de ordem didático-pedagógica, pois problematiza-se que há um descompasso entre o que (e como é) ensinado e o que os estudantes precisam saber, bem como as formas de ensinar. Além disso, ainda encontramos um alunado que apresenta muitas dificuldades, tanto de aprendizagem como de ordem pessoal. Tais situações, muitas vezes, culminam em fracasso escolar que pode resultar na reprovação de disciplinas e possível evasão dos cursos de ensino médio.

Já o aluno traz consigo, geralmente, uma carga de problemas no âmbito social, familiar, afetivo, etc. Além, também, de não se sentir acolhido pelo ambiente escolar e muitas vezes chegar à sala de aula sabendo que terá “aquela” aula tradicional e desmotivante. Muitos alunos não tiveram uma boa base no ensino fundamental e já chegam ao ensino médio com muitas dificuldades, principalmente na parte do cálculo. E se esses alunos tem uma aula de física focada na parte matemática onde o professor enfatize muito a resolução de problemas, que muitas vezes estão fora do contexto de vida desses alunos, estes, sentirão uma antipatia pela disciplina de física, podem acabar por perder o interesse pela matéria, e isso certamente contribuirá de forma negativa em seu desempenho escolar. (MORAES, 2009, p.1)

Na EJA, esse processo pode se aprofundar, porque seus sujeitos apresentam uma defasagem muito maior de conhecimentos científicos porque em sua maioria eles estão afastados da escola há muito tempo. Por isso, o olhar na EJA deve ser diferenciado e

analisado a partir de suas particularidades. É fundamental que o processo de ensino e aprendizagem seja distinto do ensino regular ministrado às crianças que frequentam a escola no diurno. Deve-se sempre levar em conta a comunidade, o público-alvo, suas características e suas necessidades. Ao observarem essas condições, a escola e os professores, certamente terão mais condições de oportunizar um ensino mais voltado para a realidade dos alunos e mais chance de obter melhores resultados no que se refere à inclusão desses alunos na vida escolar e no mundo social.

Em síntese, a revisão bibliográfica realizada, neste capítulo, proporcionou aportes históricos, políticos e pedagógicos que nos ajudam a compreender os sujeitos da EJA, onde eles se encontram, quais os processos sociais e econômicos que levam esses sujeitos a escola e os excluem ao mesmo tempo do processo educacional, e que tipo de conhecimento técnico-científico serve a um projeto de formação de trabalhadores na perspectiva da emancipação.

### **3 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NOS (CON)FINS DE UM CURSO TÉCNICO EM SECRETARIADO INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO-EJA**

Nesta seção, trataremos, primeiramente, sobre o curso Técnico em Secretariado integrado ao Ensino Médio do IFG-Câmpus Jataí trazendo dados sobre o curso, o quantitativos de alunos, os profissionais que atuam em suas turmas, a forma como esses alunos entram na instituição, além de discutir o Projeto Político Pedagógico que orienta a forma como o curso se desenvolve e como trataremos sobre as questões de evasão e retenção no curso do IFG campus Jataí.

Com vistas a coletar dados acadêmicos dos estudantes do curso técnico em secretariado integrado ao ensino médio- modalidade EJA, utilizamos o “Sistema Acadêmico do IFG, o que me possibilitou estudar o movimento de todos os alunos desse curso desde sua implantação em 2013 até o segundo semestre de 2018, bem como seu desempenho acadêmico e vínculos com o curso.

Por meio deste sistema, obtivemos as atas dos conselhos de classe para aprovação e reprovação desses sujeitos no decorrer dos semestres, as listas de alunos com dados pessoais, bem como sua movimentação de vínculos com o IFG: aprovação, reprovação, desistência e cancelamento de matrícula.

Além desse sistema, também utilizamos o Sistema de Visualização de Relatórios Acadêmicos (Visão- IFG), instrumento utilizado para análise do movimento dos alunos dentro dos cursos da instituição. Esse sistema visão é exclusivo dos gestores<sup>9</sup> da instituição que buscam dados para aprimorar o desenvolvimento acadêmico dos alunos e que através das informações apresentadas pode-se formar gráficos e tabelas que mostram a evolução dos alunos dentro do curso e comparar os diversos cursos da instituição.

Ademais, recorreremos também ao Sistema Nacional de Informações da Educação Profissional e Tecnológica (Sistec), no qual o IFG, assim como as demais instituições da Rede de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cadastra todos os alunos matriculados e sua movimentação dentro dos períodos.

Para além dos sistemas de registros acadêmicos, obtivemos dados oriundos dos questionários e entrevista aplicados no processo de seleção de estudantes no ingresso dos estudantes da EJA no IFG. Essa análise se fez necessária devido a entrada desses sujeitos na

---

<sup>9</sup> Em 2018, estivemos a frente da Coordenação de Apoio Administrativo, devido a isso, meu acesso ao Sistema Visão e Sistec foi autorizado, para fins deste estudo, pela então Chefia de departamento e coordenação acadêmica.

instituição ter processo diferenciado dos demais cursos oferecidos pelo IFG. Essa diferença se dá, desde a divulgação do curso, que é feita através de visitas e palestras nas escolas e comunidade, propagandas na TV e rádio até na não obrigatoriedade de prova de desempenho, como é feito para todos os demais cursos da instituição. No caso do curso em questão, a seleção é feita através de aplicação de questionário socioeconômico e entrevista estruturada (Anexo I) para determinar o grau de comprometimento do candidato para o curso, e nessa oportunidade mostrar aos candidatos o projeto formativo do curso em questão. Durante a pesquisa, a Coordenação do Curso de Secretariado nos forneceu uma cópia de todos os questionários aplicados aos candidatos às vagas referentes à 2014/2.

---

A partir desses instrumentos de coleta, obtivemos dados sobre a quantidade de ingressantes, quantidade de egressos, quantidade de evadidos, dados sobre o perfil dos alunos através dos questionários do processo seletivo, dados acadêmicos para análise de aprovação/reprovação nas disciplinas de ciências da natureza, além de outras informações que possibilitaram a entrar em contato com os egressos e evadidos.

Após a coleta desses dados documentais, elaboramos questionários semiabertos aplicados aos estudantes egressos (Apêndice A) e evadidos (Apêndice B), professores (Apêndice C), com vistas a discutir e analisar as causas da evasão, retenção dos estudantes nas disciplinas de ciências da natureza, além de identificar as medidas que a instituição tem apresentado para minimizar os processos de evasão e retenção dos alunos da EJA do curso Técnico em Secretariado.

Esses instrumentos foram nosso subsídio para identificar a situação dos profissionais que atuam no curso, seus desafios e as metodologias utilizadas. Também, foi de suma importância a análise da visão dos sujeitos quanto ao curso e suas dificuldades em se manter dentro do sistema acadêmico tentando compreender os motivos que atribuíram à evasão do curso pelos estudantes e os motivos que levam alguns a persistirem até a conclusão. Esses questionários também nos ajudaram a entender o processo socioeconômico que esses sujeitos estão inseridos e quais os problemas mais recorrentes encontrados no decorrer da vida acadêmica desses alunos, nos possibilitando a elaboração de um material textual, contendo orientações que possam possibilitar a permanência desses alunos nas instituições que oferecem cursos de EJA.

Em alinhamento ao percurso de levantamento desses dados, este capítulo está organizado em duas partes. Na primeira, descrevem-se os dados oriundos dos registros documentais, e na segunda, os dados advindos dos questionários respondidos pelos estudantes egressos e evadidos, bem como pelos professores.

### 3.1 O Curso Técnico e seus (ex)estudantes nos (con)fins do registro escolar

A obrigatoriedade do IFG em oferecer os cursos na modalidade da EJA integrados ao ensino técnico através do Decreto nº 5478, de 24 de junho de 2005 originou o movimento de implantação de um curso técnico nessa modalidade no IFG-Câmpus Jataí. Inicialmente, com o curso técnico em Edificações integrado ao Ensino médio na modalidade EJA (Proeja). Esse curso teve entrada inicial de alunos em maio de 2006, com 40 vagas oferecidas, mas obtendo apenas 23 candidatos, os quais todos ingressaram no referido curso.

Já na implantação do primeiro curso Proeja na instituição houve um desafio de divulgar o curso para jovens e adultos da cidade e região, que estivessem interessados em ingressar em um curso de ensino médio integrado ao técnico. Inobstante, em face da escassa procura, o último processo seletivo de estudantes para esse curso foi em 2012/2, cuja turma teve apenas um estudante que conclui o curso no ano de 2016/1.

A baixa procura pelo curso somada a alta taxa de evasão dos matriculados, motivou o IFG-Câmpus Jataí a repensar o eixo tecnológico do Proeja. Por isso, após estudos de demanda, foi elaborado o projeto do curso Técnico em Secretariado integrado ao Ensino Médio-modalidade EJA, cuja primeira turma ingressou em 2013/2. No tocante ao número de vagas ofertadas, segundo o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) (2016), o curso Técnico em Secretariado do IFG- campus Jataí possui entrada de alunos semestralmente, com 60 vagas anuais, distribuídas em 30 vagas por semestre. O curso tem duração mínima de 8 semestres letivos com uma carga horária total de 2425 horas.

Conforme dados oriundos do sistema acadêmico, observados a partir das atas finais do conselho de classe, no 2º semestre de 2018, o curso possuía 91 (noventa e um) alunos matriculados sendo 33(trinta e três) no 1º período, 19 (dezenove) no 2º período, 16 (dezesseis) no 3º período 6 (seis) no 4º período, 9 (nove) no 5º período, 4 (quatro) no 6º período, 3 (três) no 7º período e 1 (um) no 8º período<sup>10</sup>.

Entre 2013/2 a 2018/2, conforme dados advindos do Visão-IFG, a média de entrada de alunos no curso tem sido de 45.6 alunos por ano, 23 por semestre. Mesmo o curso oferecendo 30 vagas semestrais, o preenchimento das 60 vagas anuais não tem sido preenchidas na totalmente. Esses dados podem ser comprovados a partir da Tabela 1.

---

<sup>10</sup> Dados obtidos no sistema Q-acadêmico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – campus Jataí, consultados em 10/2018.

**Tabela 1 – Quantidade de estudantes com matrículas efetivadas, canceladas e evadidos entre 2013/2 a 2018/2 no curso técnico –EJA do IFG-Campus Jataí**

<b>Período</b>	<b>Entrada</b>	<b>Cancelamento</b>	<b>Evasão no período</b>
<b>2013/2</b>	25	0	1
<b>2014/1</b>	26	0	7
<b>2014/2</b>	28	2	16
<b>2015/1</b>	25	17	0
<b>2015/2</b>	16	3	18
<b>2016/1</b>	29	5	12
<b>2016/2</b>	29	4	13
<b>2017/1</b>	30	1	29
<b>2017/2</b>	30	2	18
<b>2018/1</b>	29	3	22
<b>2018/2</b>	32	3	10

Fonte: Elaborada pela autora, 2019.

Para entrar no curso, os alunos fazem, gratuitamente, uma inscrição na página do IFG através do site *www.ifg.edu.br*. A forma de seleção utilizada é a entrevista, por meio da qual o candidato responde a um questionário, o qual foi utilizado para observar o perfil dos alunos que procuram o curso e através dele também, tirarmos algumas conclusões sobre o motivo do seu interesse pelo curso e os possíveis motivos das desistências desses mesmos candidatos depois de iniciarem o curso.

A Tabela 1 ainda mostra o fluxo dentro do curso, o que corresponde aos alunos que ingressaram no curso (entrada) e os alunos que deixaram o curso (cancelamento e evasão) durante aquele semestre letivo, sem levar em conta a turma em que ele estava matriculado.

Para fazermos os estudos da evasão e retenção dentro do curso, escolhemos a turma ingressante no ano de 2014, segundo semestre. Nessa mesma turma ainda houve 13 ingressantes por matrícula direta, que não participaram do processo seletivo. Assim todos os inscritos foram matriculados e dessa forma conseguimos identificar o caminho percorrido por todos os alunos no decorrer do curso até sua conclusão no primeiro semestre de 2018.

No que pese aos questionários respondidos no processo seletivo para o ingresso no curso, na entrevista realizada com os candidatos no processo seletivo de 2014/2, nota-se que somente houve 15 alunos inscritos nesse processo, os quais apresentam o perfil no Quadro 1:

**Quadro 1 – Perfil dos alunos da turma ingressante em 2014/2 no curso técnico integrado em secretariado-EJA**

Idade	Estado Civil	Quantidade de Tempo de abandono da escola	Participa da vida econômica da Família	Gênero	Quantidade de filhos
19	Solteira	1 ano	Não tem participação	Feminino	Nenhum
20	Solteira	3 anos	Não tem participação	Feminino	Nenhum
20	Solteiro	2 anos	Colabora com a renda familiar	Masculino	Nenhum
23	Casada	6 anos	Provedor da família	Feminino	Nenhum
23	Solteira	5 anos	Colabora com a renda familiar	Feminino	01
24	Solteiro	5 anos	Colabora com a renda familiar	Masculino	01
24	Solteira	9 anos	Colabora com a renda familiar	Feminino	Nenhum
26	Outros	5 anos	Colabora com a renda familiar	Masculino	Nenhum
31	Solteira	14 anos	Colabora com a renda familiar	Feminino	02
35	Outros	1 ano	Provedor da família	Feminino	02
36	Outros	10 anos	Colabora com a renda familiar	Feminino	02
40	Separado	23 anos	Provedor da família	Masculino	02
40	Casada	23 anos	Colabora com a renda familiar	Feminino	02
42	Solteiro	10 anos	Colabora com a renda familiar	Masculino	Nenhum
50	Divorciada	30 anos	Não tem participação	Feminino	02

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

O Quadro 1 nos mostra que os sujeitos que procuraram o curso de secretariado em 2014/2 são adultos entre 19 e 50 anos, que a maioria, mesmo tendo o estado civil como solteiro, contribui com a renda familiar, e desses 15 candidatos, somente 7 não tem filhos.

Mesmo tendo inscrito somente 15 alunos no processo seletivo, a instituição fez um trabalho de divulgação junto à comunidade, fazendo propagandas nas emissoras de rádio e TV locais, bem como entrando pessoalmente em contato com os alunos desistente de anos anteriores e assim, no início do semestre letivo, a coordenação do curso conseguiu preencher 28 das 30 vagas ofertadas nesse período. Esses 13 ingressantes foram matriculados sem processo seletivo, através de chamada pública onde só havia necessidade de trazer na escola documento de identidade. Neste caso, os alunos não preencheram o questionário do processo seletivo e os dados não foram possíveis de serem coletados.

Outro ponto a ser destacado se refere a faixa etária dos candidatos do processo seletivo de 2014/2. O Quadro 1 demonstra que a faixa etária desses sujeitos é heterogênea que vai desde jovens de 19 anos até adultos de 50 anos. Machado (2016) explica esse fenômeno ao

dizer que “um terço da juventude brasileira, que deveria demandar a Educação Superior, sequer concluiu a educação básica e não tem perspectiva de fazê-lo”. (p. 443)

Quando analisamos os documentos e sistema acadêmico do IFG – campus Jataí, nota-se que a diferença entre o número de alunos matriculados no 1º período do curso é muito maior que aqueles que conseguem concluir o curso. A meu ver, o maior número de entradas se deve, estritamente, ao esforço da coordenação do curso em buscar os alunos que deixaram de frequentá-lo.

Exemplo disso, é o caso da turma ingressante em 2014/2, em seu ano de entrada, houve uma procura por processo seletivo de 15 alunos. Esses participaram de uma entrevista e responderam um questionário com perguntas sócio-econômicas e sócio-culturais. Os 13 (treze) alunos restantes, matriculados no período são oriundos de um esforço adicional da coordenação para resgatar alunos evadidos nos semestres anteriores. Dessa forma, em 2014/2 matricularam no curso, 28(vinte e oito) alunos. No decorrer do curso, desses vinte e oito alunos matriculados, somente nove concluíram o curso. E desses nove alunos somente dois não fizeram o processo seletivo.

No que pese a análise das atas do Conselho de Classe do curso Proeja-Secretariado, os dados evidenciam que o número de reprovação nas disciplinas de Ciências da Natureza não é expressivo. As disciplinas de Biologia, Química e Física, não apresentaram reprovação nos alunos frequentes. Essas disciplinas apresentam médias satisfatórias para todos os alunos frequentes. Descaracterizando, nesse curso, um fator que pode influenciar na evasão dos alunos.

Assim os dados acima nos mostra que a procura dos sujeitos para ingressar no curso de Secretariado não é suficiente para preencher todas as vagas que o curso disponibiliza, e mesmo com o esforço da instituição em promover processo que facilite o ingresso desses sujeitos, esses esforços ainda não estão sendo suficientes para promover o curso em questão, o que pode ser um dos motivos para a desistência desses alunos. A instituição ainda não conseguiu mostrar a relevância do curso dentro da sociedade e dentro do mundo do trabalho, assim vale analisar então o que fez com que uma parte desses alunos permaneceram no curso, sendo o que será analisado no próximo item.

### **3.2 Por quê permaneci no curso Proeja em Secretariado?**

Depois de analisarmos os documentos encontrados na Instituição de ensino, \passamos a analisar, nesta subseção, os questionários aplicados as turmas do curso Técnico em



Secretariado. O primeiro questionário (apêndice 1) foi aplicado aos alunos concluintes do curso no segundo semestre de 2018. Esse questionário objetiva levantar dados sobre as razões que levaram o aluno a entrar no curso, quais suas maiores dificuldades durante o curso, sua visão quanto ao conteúdo ministrado e como o curso tem influenciado na vida do estudante, acadêmica e socialmente.

Responderam o questionário de concluintes, oito alunos, os quais estavam em 2018 cursando o sétimo e oitavo períodos do referido curso. Esses são os períodos de encerramento do curso. Os períodos dos alunos pesquisados estão descritos no Quadro 2.

**Quadro 2. Período do curso dos estudantes concluintes do curso técnico integrado em secretariado**

<b>Aluno</b>	<b>Período do curso</b>
Aluno I	7º período 2018/2
Aluno II	7º período 2018/2
Aluno III	7º período 2018/2
Aluno IV	8º período 2018/2
Aluno V	8º período 2018/2
Aluno VI	8º período 2018/2
Aluno VII	8º período 2018/2
Aluno VIII	8º período 2018/2

Fonte: Elaborado pela autora, 2018

Na primeira questão, “O que te levou a entrar nesse curso?”, podemos observar que a necessidade de concluir o ensino médio é o que levou todos os alunos concluintes, a ingressar no curso. Esse ponto nos mostra que ainda é desejado pelos sujeitos da EJA elevarem sua escolaridade. Esse diploma, na visão do aluno, pode garantir sua melhor qualificação no mercado de trabalho como mostra a fala do aluno 1, descrita abaixo:

Terminar o Ensino Médio e pegar uma bagagem de aprendizado para arrumar um emprego melhor ou ser um empreendedor.

Essa resposta confirma a importância da educação na vida emancipatória do indivíduo e mostra que o trabalhador também é importante na escola. Nesse ponto há de se concordar que a escolaridade pode sim emancipar o cidadão e fazer dele uma pessoa que pode contribuir com a sociedade.

Mas o que percebemos é que os sujeitos inseridos nos cursos técnicos ainda buscam uma formação rápida nos moldes do Mobral e não se preocupam, especificamente, com a qualidade do que está aprendendo. A formação completa do cidadão parece não interessar

tanto a esses sujeitos, assim como a obtenção do diploma de conclusão do ensino médio e do curso técnico. É um desafio encontrado pelas instituições de ensino que propõe inserir cursos técnicos na modalidade EJA. Porque segundo Ribeiro, Laffin, Aguiar (2019), o Proeja,

Ao assumir a proposta de currículo integrado na perspectiva politécnica e omnilateral, incorpora-se a análise de se relacionar a integração das dimensões da vida ao processo educativo e, também define os fins da educação escolar, tomando como referência as necessidades de formação humana. Assim, a escolarização de sujeitos jovens trabalhadores objetiva aos sujeitos compreender a realidade social e a do mundo do trabalho. (p.46)

Assim, a escola unitária deveria assumir a tarefa de inserir os jovens e adultos na atividade social, mas só depois de ter elevado o grau de maturidade e capacidade para criação e uma certa autonomia na orientação e na iniciativa (GRAMSCI, 2001, p. 35) desse indivíduo, os quais, ao ingressarem novamente na vida acadêmica esperam alcançar.

Esse aspecto nos leva a analisar a segunda questão, “O que te motivou a permanecer no curso até sua conclusão?”

Novamente, houve um consenso nas respostas. Todos afirmaram que a melhoria na qualidade de vida através da qualificação para o trabalho é o grande motivo da permanência desses indivíduos no curso. O aluno 2, por exemplo, justificou que “as grandes oportunidades e melhoria na área do trabalho”

Desse modo os elementos sociais empregados no trabalho não caíram mais na passividade intelectual (GRAMSCI, 2001, p. 40) do sujeito que concluiu o referido curso. Agora esse indivíduo já possui subsídio para entender o contexto a que ele está inserido e o que ele pode fazer para melhorar sua vida profissional e social.

Mas, inobstante as expectativas de mudanças quanto à inserção desses sujeitos na sociedade e trabalho, ainda ocorre uma evasão significativa de estudantes no curso técnico integrado em secretariado, na modalidade EJA. Para podemos entender o processo evasivo, vamos descrever, primeiramente, como o curso está sendo visto pelos alunos concluintes, quais seus pontos positivos e negativos, na visão desses sujeitos. Isso nos leva a questão 3 do Apêndice 1, a saber, “Quais as maiores qualidades do curso de secretariado?”

Em resposta, o aluno 2 respondeu que o curso se destaca pelo “profissionalismo dos professores e acesso aos conteúdos”, o que é endossado pelo aluno 3, ao afirmar que “São os professores muito bem qualificados e ajudam os alunos com as dificuldades.”.

Aqui já podemos observar que os alunos têm nos professores do curso pessoas que estão dispostas a ajudá-los tanto dentro de sala de aula. Isso endossa a preocupação

institucional, no que tange a qualidade e disponibilidade dos profissionais (professores) que atuam na modalidade da EJA. Essa preocupação é evidenciada pelas respostas de todos os oito alunos que reconhecem o curso como de qualidade.

Dessa forma, ao olhar dos estudantes concluintes, esses profissionais, ao se preocuparem com a formação geral do estudante enquanto cidadão e como diálogo entre a escola e o trabalho, vão ao encontro dos fins do Proeja:

O Instituto Federal de Goiás, instituição Federal de Educação Tecnológica responsável pela oferta do Proeja, tem como um dos seus objetivos estimular e apoiar processos educativos que levem à geração de trabalho e renda e à emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional. (IFG, 2016, p.5).

Sabendo disso, segundo o projeto do curso Técnico em Secretariado (IFG,2016)

Dessa maneira, a inclusão e/ou o aperfeiçoamento para o mercado de trabalho é meta da EJA, porém o curso visa permitir a inclusão mais efetiva, uma formação sólida que permita ao educando modificar a sociedade de que faz parte. Sociedade esta que, apesar da tão propalada modernização, mantém-se desigual, com grande privilégio em oportunidades para aqueles que detêm o poder político-econômico, ligados às elites regionais. (p.8)

Dentro dessa visão de diálogo entre escola e trabalhador, podemos analisar a questão 4, “No decorrer do curso, quais foram suas maiores dificuldades?”

Nesta questão, pudemos levantar dados sobre os confins, ou seja, os limites da permanência desses estudantes no curso em tela. O Quadro 3, portanto, reúne e resume as dificuldades relatadas pelos oito concluintes da turma 2014/2.

**Quadro 3 – Dificuldades encontradas durante o período de permanência no curso Proeja-Secretariado citados pelos alunos concluintes**

<b>Maiores dificuldades citadas no questionário</b>	<b>Quantidade de alunos que citaram a dificuldade</b>
Dificuldade nas disciplinas	2 alunos (alunos 1 e 8)
Tempo de 4 anos do curso	1 aluno (aluno 2)
Exigência do trabalho	2 alunos (alunos 3 e 6)
Tarefa de casa	2 alunos (alunos 4 e 5)
Aulas aos sábados	3 alunos (alunos 4,5 e 6)

Fonte: Elaborado pela autora, 2019

A partir da análise do Quadro 3, pode-se evidenciar que dos oito alunos investigados, dois tiveram dificuldades em permanecer por conta do emprego.

Esse dado nos permite endossar a evidência de que na EJA, o trabalho, no seu sentido de emprego, possui uma perversa contradição: ao mesmo que motiva os educandos voltar para

escola e sonhar pela melhoria das condições de vida e de emprego, também é esse mesmo trabalho, um dos principais fatores que determinam a desistência desses alunos da escola.

Nesse sentido, a necessidade de sobrevivência, obviamente, é maior que a necessidade de frequentar as aulas e obter o diploma de conclusão do ensino médio e do curso técnico. Dessa forma, se faz necessário que a escola fortaleça seu papel na perspectiva crítica da educação que deve acompanhar o movimento da sociedade de modo que os estudantes tenham a oportunidade de opinar, entender e participar do processo. Dessa forma, segundo Machado (2008)

Vê-se, pois, a exigência de uma formação específica para a EJA, a fim de que se resguarde o sentido primeiro do termo adequação como um colocar-se em consonância com os termos de uma relação. No caso, trata-se de uma formação em vista de uma relação pedagógica com sujeitos, trabalhadores ou não, com marcadas experiências vitais que não podem ser ignoradas. E esta adequação tem como finalidade, dado o acesso à EJA, a permanência na escola via ensino com conteúdos trabalhados de modo diferenciado com métodos e tempos intencionados ao perfil deste estudante. Também o tratamento didático dos conteúdos e das práticas não pode se ausentar nem da especificidade da EJA e nem do caráter multidisciplinar e interdisciplinar dos componentes curriculares. (p.168)

Além das dificuldades vinculadas ao trabalho, os respondentes também elencaram o tempo de duração do curso, trabalhos acadêmicos exaustivos e aulas aos sábados como fatores limitadores da permanência. Todos esses motivos estão relacionados com a dificuldade que esses sujeitos apresentam em entender que a escola é um ambiente que também requer tempo e atenção, para que a qualidade possa ser garantida.

Entende-se nesse caso que a cultura escolar ainda é muito presente na perspectiva dos sujeitos da EJA. Segundo Arroyo (1992),

a escola é uma instituição sociocultural. Está organizada e pautada por valores, concepções e expectativas. Está permeada por relações sociais na organização do trabalho e da produção. Em outros termos, os alunos, os mestres, a direção, os pais e as comunidades não são meros recursos e materiais. São sujeitos históricos, culturais. A própria instituição escolar é um produto histórico, cultural e age e interage numa trama de complexos processos socioculturais. A escola é uma organização socialmente constituída e reconstruída. Tem uma dinâmica cultural. Frente à ênfase nas imagens racionais, mecânicas, determinantes, entrada-processo-saída-produto, as imagens de cores sociocultural teriam maior poder de compreensão e explicação dos resultados escolares. Se a escola está impregnada de uma cultura construída lentamente e em permanente interação com a cultura mais ampla, a questão que passa a ser central é qual cultura escolar é essa, quais seus componentes e qual seu peso sobre o fracasso ou sucesso escolar. (p.48)

Existe a necessidade dos alunos da EJA compreenderem que o tempo gasto na escola não é desperdiçado. Neste contexto também, percebemos que mesmo com o esforço dos profissionais da educação dentro do curso de Secretariado, a instituição ainda não conseguiu achar um caminho correto para evitar os problemas citados pelos alunos. A instituição ainda não se apropriou das dificuldades reais que esses sujeitos apresentam no dia a dia de sua vida social e no trabalho. Para tanto é necessário que

A organização acadêmica deverá ser reorganizada e vivificada de alto a baixo. Territorialmente, terá uma centralização de competências e de especializações: centros nacionais que agregarão a si as grandes instituições existentes, seções regionais e provinciais e círculos locais urbanos e rurais. (GRAMSCI, 2001, p. 41)

No campo das dificuldades, também chegamos à questão 5 “O que você acha que ocasionou a desistência de tantos colegas no decorrer do curso?”

Essa questão busca o entendimento da visão do aluno quanto aos motivos que levaram o outro a desistir e assim perceber os motivos de sua própria persistência.

Nessa questão, as respostas tiveram dois pontos em comum, como exemplificar pelo excerto do Aluno 5, que respondeu que “o tempo do curso, serviço, família cansaço para conciliar trabalho e estudo”.

Neste caso, a evidência do tempo é relacionada com a permanência dos alunos na escola. Mesmo em um curso técnico, o que percebemos é a necessidade que esses alunos têm de concluir o curso com rapidez sem perder a qualidade do ensino. Esse é um ponto importante a ser considerado. A EJA tem se constituído como lugar social e historicamente reservado aos setores populares. Assim, os alunos, na maioria das vezes trabalhadores, pobres, subempregados, oprimidos, excluídos, são reconhecidos como classe social dominada, cuja reprodução da hierarquia social é legitimada na hierarquia escolar. Esse fato poderia justificar a ideia de que a EJA está vinculada a um reducionismo no processo de ensino e aprendizagem, a uma formação aligeirada, de baixa qualidade e que não estimula a permanência dos sujeitos.

Nessa direção, se faz premente que a instituição que propõe um curso que pode ser uma alternativa de curso de qualidade pense no tempo que esses alunos possam passar na escola. E mostrar a importância desse tempo aos alunos. A necessidade de um curso mais longo deve ser exemplificada nos objetivos do curso ao apresentar a instituição para esses sujeitos, porque afinal, segundo Arroyo (1992),

os modelos de análise e intervenção pressupõem que os setores populares não serão capazes de acompanhar o ritmo "normal" de aprendizagem. Chegam à escola defasados, com baixo capital cultural, sem habilidades mínimas, sem interesse... Chegam à escola reprováveis. Pesquisas já têm mostrado que a cultura escolar os estigmatiza e os rotula como diferentes, incapazes, inferiores, menos-dotados para o domínio das habilidades pretendidas e exigidas pelo processo de ensino-aprendizagem. (p.49)

Em relação aos pontos negativos do curso, os oito concluintes responderam a questão 6 contida no questionário do Apêndice A: “Quais os pontos negativos você encontrou no curso que está fazendo?” Em resposta, todos os respondentes atribuíram “a duração do curso de quatro anos e a necessidade de aulas aos sábados”, como os confins do curso.

No sentido de sanear pontos negativos como esses, a instituição ofertante, através da coordenação do curso informou aos servidores durante uma reunião convocada pelo departamento de áreas acadêmicas, que a questão tempo de duração do curso demandava reflexão colegiada. Essas discussões ainda estão em processo e culminarão em um documento, o qual será o novo Projeto Pedagógico do curso. Já as aulas de sábado, nos foi informado que só ocorrem esporadicamente devido a uma adequação do calendário acadêmico, devido a uma paralização (greve) dos funcionários que ocorreu em 2017 e 2018. Por isso, para garantir o término dos semestres letivos dentro do ano letivo de 2018 e 2019, houve a necessidade de acrescentar alguns dias letivos que ocorrem nos sábados. Esse problema, segundo a administração do campus será sanado no decorrer do ano letivo de 2019 e já no ano de 2020 esse problema não mais ocorrerá no curso novamente.

No estudo feito para se compreender a (não) evasão no referido curso, precisamos analisar também qual a importância (i.e. os fins) das disciplinas no curso e se essas tem influenciado esses sujeitos a deixar de frequentar as aulas e por extensão, o curso. Assim a questão 7 (Apêndice A) indaga: “Quanto as disciplinas cursadas, qual ou quais você teve mais dificuldade? Como essas dificuldades foram sanadas?”

Nesse quesito percebemos que instituição se preocupou em reduzir esse efeito nas disciplinas, esse processo pode ser comprovado pelas respostas encontradas no questionário. Todos os alunos indicaram que sua disciplina crítica era a matemática, mas todos disseram também que essa dificuldade foi sanada nas aulas. Uma resposta que pode comprovar isso, foi dada pelo aluno 7, quando diz que:

Por ser EJA integrado ao curso técnico, os professores foram pacientes e melhorou as técnicas de ensinar e trabalhar a disciplina de matemática, química e física.

Todos os oito alunos respondentes citam a matemática e todos eles também citaram que os professores usaram técnicas que possibilitaram a aprovação de todos até que alcançassem os últimos períodos do curso. A metodologia usada por esses professores será analisada no questionário do Apêndice C.

A solução do problema na disciplina de matemática nos possibilita perceber que a retenção nas disciplinas de ciência da natureza não é relevante para a evasão no curso Técnico em secretariado visto, que nenhum dos alunos que frequentaram as aulas foi reprovado nessas disciplinas. Até mesmo as disciplinas técnicas, específicas do curso não produz reprovação que possa influenciar na desistência desses alunos.

Vale aqui lembrar que a alfabetização científica, nesse caso, é importante para esses sujeitos porque pode contribuir com sua formação e inserção crítica no mundo do trabalho.

Em definitivo, a participação dos cidadãos na tomada de decisões é hoje um facto positivo, uma garantia de aplicação do princípio de precaução, que se apoia numa crescente sensibilidade social face às implicações do desenvolvimento tecno-científico que pode comportar riscos para as pessoas ou para o meio ambiente. Tal participação, temos que insistir, reclamam um mínimo de formação científica que torne possível a compreensão dos problemas e das opções — que se podem e devem expressar com uma linguagem acessível. (CACHAPUZ, 2011, p. 28)

Esse fato comprova o papel social que a política pública do Ensino Integrado à educação profissional- na modalidade EJA, tem na formação de estudantes que sejam capazes de se movimentar entre a teoria, a prática e a teoria, apropriando -se de seu objeto de trabalho em todas as dimensões.

Ao terminamos a análise dos dados dos alunos concluintes, concluímos que no decorrer do curso, os investigados passaram a perceber a importância da formação em sua vida social e do trabalho; apresentam uma visão mais ampla do mundo em que está inserido, tanto do mundo social quanto do mundo do trabalho, o que possibilitará sua participação mais efetiva em face da sociedade é que poderá levar esse curso ao sucesso que nos remete aos desafios já anunciados no documento base que orientou a organização do Proeja,

o Proeja é, pois, uma proposta constituída na confluência de ações complexas. Desafios políticos e pedagógicos estão postos e o sucesso dos arranjos possíveis só materializar-se-á e alcançará legitimidade a partir da franca participação social e envolvimento das diferentes esferas e níveis de governo em um projeto que busque não apenas a inclusão nessa sociedade desigual, mas a construção de uma nova sociedade fundada na igualdade política, econômica e social; em um projeto de nação que vise uma escola

vinculada ao mundo do trabalho numa perspectiva radicalmente democrática e de justiça social. (BRASIL,2007b, p.8)

Em síntese, tendo finalizada a descrição da percepção dos oito alunos da turma ingressante em 2014/2 a respeito dos fins e confins do curso Proeja em Secretariado, trataremos na próxima seção, o ponto de vista de estudantes que evadiram desse curso.

### 3.3 Por que evadi do curso Proeja em Secretariado?

Para essa análise do ponto de vista dos egressos, foi elaborado e aplicado um questionário (Apêndice B) contendo sete perguntas, que foi respondido por seis alunos ingressantes em 2014/2, que evadiram do curso no primeiro semestre. Dentre esses alunos, dois foram contatados pessoalmente e assentiram responder ao questionário. Quatro deles, só se dispuseram falar e responder as questões por telefone, para evitar exposição. No Quadro 4 mostraremos o perfil desses fazendo um comparativo com o questionário do Anexo I.

**Quadro 4: Perfil dos alunos evadidos da turma do curso técnico em secretariado de 2014/2**

Aluno	Idade	Estado civil	Quanto tempo frequentou o curso	Como respondeu o questionário
Aluno 1	43 anos	Casado	2 anos	Presencialmente
Aluno 2	35 anos	Casado	2,5 anos	Presencialmente
Aluno 3	47 anos	Casado	3 meses	Por telefone em 18/10/2018
Aluno 4	36 anos	Casado	2 meses	Por telefone em 09/09/2018
Aluno 5	30 anos	Casado	3 meses	Por telefone em 20/10/2018
Aluno 6	46 anos	Casado	3 meses	Por telefone em 20/10/2018

Fonte: Elaborado pela autora, 2019

Assim faremos uma análise de cada questão, levando em conta as respostas dadas por esses sujeitos e assim observando os principais motivos apontados para a desistência deles do curso Técnico em Secretariado.

A primeira questão “O que te levou a se matricular no curso Técnico em secretariado?” visa entendermos a motivação desses sujeitos a procurar a escola.

Para essa primeira questão os alunos concordaram que a busca por uma educação de qualidade e a inserção desses sujeitos no mercado de trabalho, estava presente em todas as respostas coletadas, como podemos verificar nas respostas abaixo:



Pois eu havia cursado também eletrotécnica no IFG e parei. E resolvi voltar a estudar e pesquisei que no IFG havia EJA com curso Técnico e como sei que o IFG é um bom colégio, resolvi logo me matricular. (ALUNO EVADIDO 2)

Pela oportunidade que o curso me proporciona entrar no mercado de trabalho. (ALUNO EVADIDO 4)

Com as respostas percebemos que novamente a perspectiva de trabalhar em uma ocupação da área técnica é uma importante causa da volta à escola para esses sujeitos. O que é um ponto em comum com relação ao que os alunos concluintes relataram, vez que é trabalho um dos motivos que os mantem na sala de aula.

A qualificação profissional desses sujeitos ainda é um dos motivadores a procurarem uma escola, e no caso do Técnico em Secretariado, a formação técnica também é importante na escolha da instituição a ser para conclusão desses estudos.

Dessa forma, é compreensível que a necessidade de qualificação seja evidente para esses sujeitos, mas o que verdadeiramente procuram é agradar ao mercado de trabalho, o qual possa possibilitar uma maior ascensão profissional com resultados de melhoria salarial.

A isso, podemos identificar as duas questões seguintes do questionário aplicado para os evadidos, são elas: questão 2 “Quanto tempo você frequentou as aulas?” e questão 3 “Quais os principais motivos de sua desistência do curso?”

Na questão 2, todos os seis alunos só frequentaram o início do primeiro período, comprovando que nenhum deles deu uma chance real ao curso de mostrar sua importância e qualidade e na questão 3 todas as respostas arremete para a questão trabalhista, como podemos verificar na resposta do Aluno evadido 3, que respondeu que “O principal e único foi por motivo de trabalho”.

Essa resposta nos aponta a importância do trabalho na vida desses sujeitos e que as escolhas necessárias nessa etapa da vida os levam a abandonar a escola porque:

Vale destacar que a relação entre a entrada no mundo do trabalho e a formação de uma unidade familiar própria, seja pelo jovem, adulto ou idoso, traz um olhar diferenciado sobre esse sujeito, já que, entre comer e estudar, a opção dos educandos trabalhadores é pelo trabalho, por uma questão de sobrevivência, e se dessa sobrevivência dependem também seus entes familiares essa opção se acentua. Além disso, quando esses sujeitos são pais/mães e esposos(as), o cuidado com a família é um elemento central que antecede a escolarização, e entre a escola e a família (em casos de problemas de saúde e demandas outras), a opção em geral recai pelo atendimento às demandas da família. (MACHADO, RODRIGUES, 2013, p. 376)

Assim os alunos evadidos investigados nos apontam que a motivação para frequentar a escola deve ser observada pela instituição de ensino. Por isso, acreditamos que fazer com que os primeiros períodos do curso sejam atrativos é de suma importância para a permanência desses sujeitos na escola. Outra estratégia a ser investida seria a forma com que esses alunos são recebidos na instituição e como os profissionais que atuam junto a eles os tratam, pode influenciar muito na permanência desses sujeitos na escola.

Esse ponto pode ser observado na análise da próxima questão, questão 4 “Durante sua permanência no curso, quais as principais dificuldades você encontrou nas disciplinas?” A resposta dos seis questionários foi a mesma: “Não encontrei nenhuma dificuldade.”

Se os alunos estão afirmando que não houve dificuldade nas disciplinas, endossamos as evidências de que o trabalho e a família são pontos que devem ser levados em consideração nessa análise. Destarte, é premente a necessidade de tornar esses sujeitos cômicos sobre importância de se permanecer na escola, mesmo com tantas adversidades em seu cotidiano.

Identificar assim as causas da evasão para esses sujeitos, nos levou também a questionar sobre a progressão dentro das disciplinas, para identificarmos se a retenção também poderia ser uma das causas desse problema, assim perguntamos, na questão 5: “Você foi reprovado em alguma disciplina durante o período em que você frequentou o curso? Se a resposta for afirmativa, cite a(as) disciplinas em que ocorreu a reprovação.”

Nesta questão, também houve uma resposta única por parte dos seis respondentes: “Não fui reprovado em nenhuma disciplina.” Quando triangulamos esse dado as atas do conselho de classe, também pode-se observar que a reprovação só ocorreu, por abandono e não por desempenho acadêmico. O aluno que persiste nas aulas, consegue aprovação, são estimulados a prosseguirem, mesmo que haja alguma dificuldade de aprendizagem, os professores buscam saná-las para ajuda-lo progredir dentro do curso.

Na mesma, a questão 6 “Qual a relação da reprovação nas disciplinas com a sua desistência do curso?” obteve também uma mesma resposta: “Nenhuma.” Nos chamou a atenção a resposta do Aluno evadido 5: “Minha desistência foi apenas por motivo de trabalho.”

Mais uma vez uma recorrência ao trabalho. Entender o processo dos sujeitos da Eja como trabalhadores pode ser um ponto de partida para a permanência desses alunos na escola.

A isso, concluímos o questionário do apêndice 2 com a questão 7: “O que a instituição de ensino (escola) poderia fazer para que você não desistisse do curso?”

Aqui, a resposta do aluno 6 pode exemplificar como os sujeitos da EJA enxergam a escola como um lugar assistencialista e que deve se adequar as suas necessidades:

Fosse mais flexível com as faltas, já que estamos fazendo a EJA porque precisamos. E somos todos adultos e com família. Então não é fácil vir todos os dias. (ALUNO EVADIDO 6)

Nesse caso, observamos que os próprios alunos enxergam a EJA como uma educação assistencialista e compensatória, que faz desses sujeitos reféns de uma educação aligeirada e que possibilita as classes dominantes adquirirem mão de obra mais qualificada, mas com pessoas que não questionam o que fazem e nem porque fazem. Os alunos evadidos mostram que

Não se trata, portanto, de uma escola voltada para ensinar conhecimentos significativos, contribuir para a promoção e a ampliação dos processos psíquicos superiores, ajudar a compreender e analisar a realidade e desenvolver processos de pensamento. Ao contrário, é uma escola centrada em conhecimentos práticos, em habilidades e maneiras de fazer, visando a empregabilidade precária para os que vivem somente do trabalho. (LIBÂNEO, 2016, p. 49)

Esse processo de alienação é que causa a grande dependência dos empregos, e não deixam com que esses alunos consigam observar a importância de uma verdadeira escolarização emancipatória.

As políticas oficiais para a escola em nosso país se apresentam hoje em duas orientações curriculares complementares, subordinadas à lógica das políticas de contenção da pobreza, atendendo às estratégias de manter a competitividade no contexto da globalização e da diversificação dos mercados. Dentro da grande armação que são as políticas de alívio da pobreza, está o currículo instrumental ou de resultados imediatos, que se caracteriza como um conjunto de conteúdos mínimos necessários ao trabalho e emprego, associado ao currículo de convívio e acolhimento social, com forte apelo à inclusão social e ao atendimento da diversidade social, visando a formar para um tipo de cidadania baseado na solidariedade e na contenção de conflitos sociais. Ambos são adotados, presentemente, na maioria dos estados brasileiros. Esse currículo de resultados caracteriza-se pela formulação de metas de competências, repasse de conteúdos apostilados, mecanização das aprendizagens, treinamento para responder testes, passando ao largo das características psicológicas, sociais e culturais dos alunos, das práticas socioculturais vividas em seu entorno social, bem como do contexto histórico e dos níveis de decisão do currículo. (LIBÂNEO, 2016, p. 49)

Esse processo alienante é aquele que o curso Técnico em Secretariado busca evitar e para isso observamos que os profissionais que atuam no curso procuram uma maior aproximação com o aluno para que esses possam compreender a necessidade de um pensamento crítico sobre a sociedade em que esses eles estão inseridos. Essa grande distância

de compreensão entre um aluno concluinte com um evadido nos faz perceber que o curso está cumprindo com o seu papel, não só de ensinar conteúdos técnicos como também diminuir a alienação desses sujeitos, contribuindo para transformação da vida no trabalho e na sociedade.

### **3.4. O que faço que motiva o estudante do Proeja a permanecer ou sair?**

O processo de aproximação dos profissionais envolvidos na EJA do IFG com os sujeitos que frequentam o curso de Secretariado pode ser analisado a partir da descrição dos dados obtidos a partir do questionário aplicado a eles (Apêndice C).

Essa análise parte da obrigatoriedade dos Institutos em oferecer os cursos na modalidade EJA, e assim se fez necessário observar esses profissionais que atuam no segmento dentro do curso Técnico em Secretariado para entendermos a dinâmica que é utilizada nesse curso e se existe diferenças nos planejamentos, metodologias e forma de ensino entre os demais cursos da instituição, visto que em sua maioria todos os profissionais envolvidos nessa coordenação também ministram aulas em outros cursos, tanto em cursos técnicos de nível médio, quanto cursos superiores.

Dessa forma, encontramos diversos professores das mais variadas áreas com formação que vão desde especialistas até doutores, os quais consentiram em responder um questionário (Apêndice C) para podermos compreender as razões que os levam a estar inseridos no contexto da EJA dentro da instituição e o que os motiva a dar aulas para um público da EJA. Assim, foram convidados dez professores: um deles em 2018, era o coordenador do curso e desses dez, seis professores aceitaram participar da pesquisa, respondendo ao questionário. Insta esclarecer que o coordenador do curso respondeu ao questionário, mas não quis se identificar como coordenador.

Nossa primeira questão “O que te motiva a trabalhar com os alunos do Curso Técnico em Secretariado?”, objetiva evidenciar se o professor tinha algum fim ético-político ou técnico com o público da EJA ou se eram motivados apenas pela obrigação do vínculo institucional, já que não é facultado aos professores da carreira do magistério do ensino básico, técnico e tecnológico (EBTT) a escolha de atuação nos diversos níveis e modalidades de cursos ofertados pelos IFs.

Nos chama a atenção que as seis respostas remetem para o mesmo fim: conhecer e ajudar os alunos que apresentam maior dificuldade que os alunos de séries regulares e a partir dessa dificuldade criar novas metodologias de ensino, que possam possibilitar a aplicabilidade desses conteúdos em seu cotidiano. Nos chamou a atenção o relato de dois professores:

Trabalhar com alunos/as do curso Técnico em Secretariado é muito gratificante. É um alunado que traz para a sala de aula suas vivências, expectativas, sonhos e procura caminhar rumo à realização dos objetivos deles. São alunos que não têm mais tempo a perder, mantêm o foco e são, geralmente, mais diretos quando algo não vai bem durante as aulas. A minha motivação em ministrar aulas para as turmas do Secretariado reside nesses elementos apresentados pelo/as discentes. (PROFESSOR 1)

O desafio de fazer com que os conteúdos da disciplina realmente lhes sejam úteis e aplicáveis ao cotidiano. (PROFESSOR 2)

Nesse contexto percebemos que os professores atuantes nesse curso se preocupam com o contexto a que os sujeitos da EJA estão inseridos, já conseguem perceber que relacionar os diversos conteúdos a vivência do aluno pode trazer avanços em sua aprendizagem e esses fatores podem motivar tanto os alunos quanto os próprios docentes nesse processo. Identificamos aqui, que esses profissionais estão dispostos a realmente modificar a vida desses sujeitos e para tanto estão dispostos a se inseri-los no processo de ensino aprendizagem, buscando formas de alcançar os objetivos individuais desses sujeitos.

Com a percepção do envolvimento individual dos professores com os sujeitos do curso evidenciados na questão 1, analisar a questão 2 vai nos evidenciar as dificuldades que esses profissionais enfrentam ao se deparar com pessoas que a tanto tempo estão fora da escola. Assim, a questão 2 pergunta: “Quais as dificuldades enfrentadas ao ministrar aulas para esses alunos que ficaram um tempo afastados da escola?”

A complexidade dessa questão se reflete em outras questões tragas no estudo de Machado (2008).

O descompasso entre a formação do professor e a realidade dos alunos na EJA causou (e tem causado, ainda) situações de difícil solução: como lidar com alunos que chegam cansados, a ponto de dormir durante quase toda aula? Como auxiliar os alunos no seu processo de aprendizagem, com atendimento extra ou atividades complementares, se uma grande parte deles trabalha mais de oito horas diárias, inclusive no final de semana? Como atender as diferenças de interesse geracional, tendo na mesma sala adolescentes e idosos? Como administrar, no processo ensino-aprendizagem, as constantes ausências, em sua maioria justificadas por questões de trabalho, família e doença? Por outro lado, como o professor deve proceder para reconhecer e validar os conhecimentos prévios que os alunos da EJA já trazem? Como trabalhar Formação de professores para EJA: uma perspectiva de mudança de forma interdisciplinar se as disciplinas continuam sendo “gavetas” isoladas e com tempo mínimo para algumas áreas de conhecimento? Como o professor, a coordenação da escola e os representantes das secretarias podem ousar na proposição de atendimento diferenciado, que modifique a dinâmica da escola, seja com alternativas de matrícula aberta, avanços progressivos, organização curricular de base paritária, tempo presencial e atividades complementares? (p. 165)

Todos esses questionamentos são objetos de preocupação dos professores respondentes deste estudo também. Mas suas respostas nos mostram que esses profissionais inseridos no curso Técnico em Secretariado não são pessoas que desconhecem o público a que estão ensinando, como mostra o relato do professor 3.

Observo certas dificuldades acumuladas ao longo de toda vida escolar, eventualmente manifestadas em competências básicas, como escrita e interpretação de textos. Há também o problema da falta de tempo e do cansaço que os atrapalha na rotina escolar.

Mas a surpresa nesses relatos, é que mesmo reconhecendo essas dificuldades, esses trabalhadores da educação possuem uma visão otimista quanto ao público da EJA, como mostra o relato do professor 1.

Analisando as turmas que já ministrei aulas e as que ministro nesse semestre (2018/2), considero que o que para muitos docentes são “dificuldades”, para mim são “desafios pedagógicos”. Prefiro considerar assim porque as particularidades do alunado que estava afastado da escola e decide retomar são de várias ordens (social, econômica, cultural, cognitiva...) que impactam o processo de ensino aprendizagem. Tratar essas particularidades observando o sujeito dentro de um conjunto de outros sujeitos, respeitando a individualidade, o ritmo, as necessidades dele é muito desafiador para o docente. A construção de um laço afetivo, de confiança entre docente e discente torna (no meu caso, é mais demorado, mas quando se efetiva ajuda bastante) o desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem dos conteúdos e o tratamento das variáveis no contexto de sala de aula mais viáveis e significativos.

Observando a resposta dada pelo professor 1 percebemos que esses profissionais estão utilizando de espaços de articulação entre os próprios professores, gestores e até pesquisadores (MACHADO, 2008, p. 172), espaços estes que possibilitam a troca de experiências e assim identificar quais pontos podem ajudar as diversas áreas do conhecimento na formação integral dos sujeitos da EJA.

Perguntamos também sobre os motivos da evasão e quais as maiores dificuldades esses alunos apresentam para frequentar a escola, na questão 3: “O que você acha que leva os alunos a desistirem do curso?”

Neste caso, obtivemos dos seis questionários respondidos uma mesma percepção, “incompatibilidade do trabalho e família com a estrutura do curso oferecido pela instituição”. Esse processo pode ser comprovado com a resposta do professor 6:

Pelos relatos que ouço dos próprios estudantes, acredito que problemas pessoais e familiares estejam entre as causas principais dificuldade para lidar com filhos, cônjuges). A incompatibilidade com o horário de trabalho também é outro importante motivo alegado em alguns casos de desistência que presenciei.

Percebemos que para responder essa questão, os professores do curso tiveram um certo mal-estar. Falar de fracasso nunca é convidativo para nenhum profissional de qualquer área que seja. Como cita Arroyo (2003).

Colocar as análises, tanto do fracasso quanto do sucesso escolar, para além dos tradicionais diagnósticos reducionistas que os identificam com supostas capacidades dos alunos e dos mestres ou com o grau de eficiência dos métodos, isolando a estrutura e o funcionamento do próprio sistema educacional. Destacamos que estes não constituem apenas o palco onde acontecem os processos pedagógicos. Sugerimos que as análises e as propostas sejam mais enfáticas com o peso que as próprias estruturas escolares têm no fracasso-sucesso escolar. Referimo-nos à escola e ao sistema de ensino enquanto unidade organizada, burocratizada, segmentada, gradeada. Enfim, a escola enquanto modelo social e cultural de funcionamento organizativo. Esses aspectos são determinantes dos processos e dos produtos. Eles são os produtores dos fracassos e dos sucessos. (2003,p.47)

Esses fatores são percebidos pelos profissionais e são citados nas respostas que indicam suas observações acerca da evasão. Os motivos citados pelos professores são os mesmos citados pelos alunos, tanto concluintes como evadidos, nos mostrando que as causas são compreendidas por todos.

Dessa forma, a questão 5 também nos remete a essa mesma observação: “Em sua opinião, quais as maiores dificuldades esses alunos enfrentam e que pode motivar a evasão do curso?”

Mais uma vez as respostas dos professores e alunos são coincidentes. O trabalho é citado por todos e nos chamou a atenção, novamente a resposta do professor 1,

Conciliar trabalho e estudo. É óbvio: entre sustentar a família e estudar, a escolha será o sustento. Entretanto, venho refletindo que o formato organizacional da escola pode estar contribuindo para “expulsar” novamente quem a busca novamente. Tudo muito rígido: horário, sistema avaliativo, incompatibilidade de horário para realizar estágio e horas atividades fora do tempo de aula. Para o/a trabalhador/a, como cumprir essa exigência escolar?

Neste caso há de se discutir a relação da EJA com a educação para os menos desfavorecidos, segundo Libânio (2016)

Uma abordagem crítica das relações entre educação e pobreza requer, antes de tudo, uma pergunta fundamental: para que servem as escolas? E, principalmente, para que servem as escolas destinadas aos pobres? A definição de objetivos e funções da escola incide diretamente o projeto pedagógico, no currículo, nas formas de organização e gestão, na formação continuada de professores, nos modos de assistência pedagógica aos professores, na dinâmica da sala de aula, nas formas de avaliação do sistema, na avaliação escolar, etc. (p.41)

Observando esses aspectos é que curso na modalidade EJA pode atingir seus sujeitos e fazer com que a educação seja efetiva e verdadeiramente de qualidade.

Aqui chegamos ao ponto de analisarmos o que esses profissionais, na prática desenvolvem para manter os alunos na sala de aula. Assim a questão 4, pergunta:” Na suas aulas, o que você executa para motivar a permanência dos alunos no curso?”

As respostas a esse questionamento, mais uma vez, nos levam a perceber que os professores desse curso conseguem aliar suas disciplinas com o cotidiano dos alunos. Todos eles citaram o diálogo como ponto de partida dentro dos conteúdos. Atividades práticas, ligadas à sua vida diária tanto na família como no trabalho também são estratégias citadas pelos professores. Todos indicam também a necessidade de aulas mais dinâmicas que possam prender a atenção dos alunos, que afinal já chegam na sala de aula cansados de um longo dia de trabalho. Os excertos que seguem, exemplificam essas respostas.

Procuo conversar com o grupo sobre a importância do estudo, da formação não somente para atender às demandas de mercado, arrumar emprego e se manter nele, mas também para a compreensão do mundo do trabalho, das relações de aprendizado que se estabelecem quando você aprende a aprender. Converso também sobre a relevância do “conhecimento” para se autoconhecer e buscar qualidade de vida. (PROFESSOR 1)

Tento administrar aulas menos expositivas, busco métodos mais dinâmicos e condense os conteúdos levando-os a refletir e a unir matéria a sua prática. (PROFESSOR 2)

Essas metodologias aplicadas no curso Proeja- Secretariado nos mostram que a dinâmica utilizado no processo de ensino e aprendizagem baseia-se na experiência já adquirida pelos alunos. Esse processo comprova a importância da adequação curricular ao tipo de aluno que esperamos ensinar.

Toda transmissão cultural de uma geração a outra recorre a processos que se diferenciam em função da idade daqueles que são educados. A formação das crianças, dos adolescentes, dos jovens e dos adultos sempre foi considerada como ciclos diferentes. Entre um ciclo e outro há peculiaridades que definem conteúdos, processos, experiências e vivências culturais. Cada ciclo seria adequado a cada idade de formação na medida em que seja uma combinação



íntima de conteúdos culturais e de vivências de formação intelectual, volitiva, artística, física, politécnica. (ARROYO, 2003, p. 52)

Dessa maneira, tanto atitude ético-política e as metodologias utilizadas pelos profissionais que atuam no curso podem contribuir na formação emancipadora desses sujeitos, caso confirmado com a compreensão dos alunos concluintes acerca da importância dos estudos na formação do indivíduo.

A partir da análise de todos os dados obtidos nesta pesquisa, vimos que as escolas necessitam de apoio e material para se embasar para incentivar a permanência dos estudantes do Proeja, minimizando, no que é possível para escola, a evasão. Para tanto, propomos no Apêndice 4, um material textual de apoio pedagógico a instituições ofertantes de cursos técnicos integrados ao ensino médio, na modalidade EJA.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática que norteou esta pesquisa se constituiu em investigar e analisar a permanência e evasão de estudantes trabalhadores na EJA no Instituto Federal de Goiás, Campus Jataí, no curso Técnico integrado em Secretariado, delimitando quais suas causas e se essa evasão teria alguma ligação com a retenção nas disciplinas de Ciências da Natureza.

Como ponto inicial de investigação, discutimos a EJA no Brasil dentro de suas dimensões históricas, políticas e pedagógicas. Nessa discussão, evidenciamos que os sujeitos da EJA são jovens ou adultos que necessitam de formação para se inserir na sociedade e no mercado de trabalho de forma efetiva. Encontramos na história do país uma sociedade que produz sujeitos que foram excluídos da escola e a partir disso se transformam em mão de obra mal qualificada e alienada à produção capitalista. Essa alienação contribui para a permanência desses sujeitos como mão de obra barata e de cidadãos consumidores. Essa alienação descaracteriza o trabalhador, que não consegue se ver naquilo que produz. Dessa forma discutimos também a importância do conhecimento técnico-científico para esses sujeitos.

Ainda, foi evidenciado que o processo de integração da formação técnico-profissional com a formação geral do ensino médio possibilita aos sujeitos da EJA, uma compreensão mais ampliada e crítica do trabalho e da sociedade em que ele está inserido, sendo uma das possibilidades de emancipação dessas pessoas, pois a partir do conhecimento técnico aliado a uma educação de qualidade, o sujeito passa a perceber a si mesmo dentro de um processo, percebendo, portanto, a importância daquilo que ele está desenvolvendo, mesmo nas mais simples atividades.

Neste contexto, discutimos também a importância dos cursos de Proeja e como esses cursos foram implementados no país e a dificuldade de manter esses alunos dentro da escola, passando a analisar o processo de evasão escolar que mesmo observado dentro de todos os sistemas de ensino, na EJA é um processo recorrente que deve ser analisado tanto do ponto de vista educacional quanto político e social. Nessa análise, constatou-se que trabalho, no seu sentido histórico, pode ser tanto um fator que traz jovens e adultos para a escola como um fator que prejudica a permanência desses sujeitos na escola.

Para descrevermos sobre como os sujeitos da EJA retornam a escola e como se movimentam dentro dos cursos técnicos na modalidade Proeja, foi analisado um curso de Proeja em Secretariado. A discussão dos dados, nos permite referendar a necessidade de retorno à educação básica pelos jovens e adultos.

Os resultados dessa pesquisa indicaram que as demandas dos alunos da EJA são próximas e que os principais fatores externos a escola aqueles que estão ligados ao trabalho e família os quais podem contribuir para a decisão do aluno em interromper seus estudos, existindo uma dificuldade enorme em conciliar o tempo de estudos com as necessidades de sobrevivência desse sujeito. Se houver necessidade em escolher entre frequentar as aulas ou o emprego, este sempre estará em primeiro lugar.

Outro fator importante que observamos foi a relação da retenção nas disciplinas de ciências da Natureza. O quesito retenção foi superado dentro do Curso em questão, pois os alunos conseguem progredir de forma linear dentro dos períodos letivos. Mesmo a dificuldade relatada na disciplina de matemática, não tem sido fator que confina o estudante à evasão.

No que diz respeito aos fatores que favorecem a permanência dos estudantes no Proeja, é importante ressaltar a disponibilidade dos professores em desenvolver estratégias pedagógicas que aproximam os conteúdos do contexto em que vivem os alunos e dessa forma fazer com que as disciplinas façam sentido dentro do processo de vivência do sujeito da EJA. A escola nesse caso está promovendo uma educação integral de fato. É um dos pontos positivos que o curso Técnico em Secretariado apresentou. A não reprovação dentro do curso faz com que os alunos que ultrapassam o segundo período tenham uma relação de confiança com os profissionais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem que faz com que eles consigam uma educação de qualidade e emancipatória, que utilizam da escola para alavancar sua vida social e no trabalho.

Observamos também que a escola tenta priorizar a construção de um currículo integrado que dialogue com a realidade do aluno. Para tanto, os profissionais desse curso escutam o aluno, identificam as reais necessidades de aprendizado. Conteúdos que possam trazer significados em seus contextos sociais.

Nos questionários aplicados aos alunos concluintes e evadidos, pode-se constatar que eles nutrem uma afetividade positiva em relação a maioria dos professores. Percebemos que a relação professor-aluno é um fator importante no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem das disciplinas. Quanto mais o aluno tem proximidade com um professor, melhor ele se desenvolve nos conteúdos das disciplinas.

Dessa maneira, podemos destacar que a interação dos sujeitos da EJA com o trabalho e a família são fatores importantes que influenciam e determinam sua evasão escolar. Apesar de o esforço da escola em aproximar o cotidiano do aluno à sua função acadêmica, resolver questões sociais que se refletem na escola não são tão simples de ser equacionadas. São, sobretudo, por conta desses confins de ordem externa à instituição que jovens e adultos

não permanecem no curso, o que se agrava com um curso longo e ainda engessado com currículos seriados e horários rígidos constatando que mesmo com adaptação curricular e aproximação dos professores a vivência do aluno a estrutura escolar ainda é um desafio na permanência desses sujeitos na escola.

Dessa forma constatamos que a escola está à mercê dos problemas sociais, e esses problemas precisam ser solucionados, com um esforço conjunto entre escola, Estado e sociedade. Só dessa forma poderemos trazer efetivamente esses jovens e adultos para escola onde poderemos deixar os “confinos” da sociedade e sermos o fim de pessoas emancipadas e atuantes, tanto na sociedade quanto no mundo do trabalho.

Como nosso campo de estudo foi a evasão/retenção dos estudantes de um curso técnico integrado ao ensino médio, na modalidade EJA, produzimos, no decurso deste estudo, um material textual de estratégias pedagógicas para fins de permanência e êxito dos estudantes da EJA integrada à EPT, com orientações que vão desde o processo de implantação de um curso de EJA e sugestões de como e o que observar para alcançar a frequência dos alunos até que esses possam concluir o curso.

## REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. G. Fracasso-Sucesso: o peso da culta escolar e do ordenamento da Educação Básica. **Revista Em Aberto**. Brasília, ano II, nº 53 Jan/Mar, 1992. Disponível: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1834>Acesso em 17/ago/2018.
- ARROYO, M. G. **Uma escola para jovens e adultos: Reflexão sobre a Educação de Jovens e Adultos na perspectiva da proposta de Reorganização e Reorientação curricular**. Currículo sem fronteira. São Paulo: 2003.
- BAZZO, W. **A Ciência, Tecnologia e Sociedade e o Contexto da Educação Tecnológica**. Editora UFSC: Florianópolis, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. LEI Nº 11.892, DE 29 DE DEZEMBRO DE 2008. Disponível em: < <http://www2.ifam.edu.br/instituicao/missao-e-visao/LEIDECRIAODOSINSTITUTOSFEDERAISDEEDUCAOCENCIAETECNOLOGIA.pdf> >. Acesso em 15/set/2019.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Formação de professores do ensino médio, etapa I - caderno I : ensino médio e formação humana integral / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; [autores : Carmen Sylvia Vidigal Moraes... et al.]**. – Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Documento base do programa nacional de integração da educação profissional com a educação básica na modalidade de educação de jovens e adultos**. Brasília, DF:MEC, 2007.
- CACHAPUZ, A. et. al. (orgs). **A necessária renovação do ensino das ciências**. São Paulo: Cortez, 2011.
- CURY, C.R.J. SISTEMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO: uma reflexão provocativa ao debate. In: **O Sistema Nacional de Educação: diversos olhares 80 anos após o Manifesto**. Ministério da Educação. Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino. Brasília: MEC/SASE, 2014, p. 33-43.
- DAMBROS, M; MUSSIO, B. R. Política educacional brasileira: a reforma dos anos 90 e suas implicações. **X ANPED SUL**, Florianópolis, outubro de 2014.
- FOUREZ, G. **A construção das ciências, uma introdução à filosofia e ética das ciências**. Trad. de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Unesp, 1995. (Biblioteca básica).
- FRIGOTTO, G. Trabalho como princípio educativo: por uma superação das ambiguidades. **Boletim Técnico do Senac**, 11(3): 1-14, set.-dez., 1998.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Vol. 2. 2. ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2001.
- GIL, N. L. Reprovação Escolar no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. V.23, 2018. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v23/1809-449X-rbedu-23-e230037.pdf> >. Acesso em 17/set/2019.
- IFG. **Projeto do curso técnico em secretariado integrado ao ensino médio na modalidade de educação de jovens e adultos – Proeja**. 2016. Disponível em <http://cursos.ifg.edu.br/info/tecint-eja/eja-secretariado/CP-JAT> Acesso em 17/nov/2019.

- JARROSSON, B. **Humanismo e técnica: o humanismo entre economia, filosofia e ciência.** Trad. de Isabel de Almeida Brito. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- LIBÂNEO, J. C. Políticas educacionais no Brasil: desfiguramento da escola e do conhecimento escolar. **Cadernos de Pesquisa.** V. 46 n. 159 jan./mar. 2016.
- MACHADO, M. M. Formação de Professores para a EJA. Uma Perspectiva de Mudança. **Revista Retratos da Escola.** Brasília, v. 2 n° 2-3, jan/dez 2008. Disponível em <<http://www.esforce.org.br>> Acesso em 08/set/2019
- MACHADO, M. M. A educação de Jovens e adultos após 20 anos da Lei nº 9394 de 1996. **Revista Retratos da Escola.** V.10, nº 19 julho/dezembro 2016, Brasília, DF. Disponível em:< file:///C:/Users/1037940.IFG0/Downloads/687-2246-1-PB.pdf >.Acesso em: 03/set/2019.
- MACHADO, M. M.; RODRIGUES, M. E. C.. Educação de Jovens e Adultos Relação Educação e Trabalho. **Revista Retratos da Escola.** Brasília, v. 7 nº 13, jul/dez 2013. Disponível em:< <http://www.esforce.org.br>> .Acesso em: 25/ago/2019
- MANFREDI, S. M. **Educação Profissional no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2002.
- MARTINS, J. A pesquisa qualitativa. In. FAZENDA, I. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional.** 12.ed. São Paulo: Cortez, 2010,p. 51-64.
- MARX, K. **Manuscritos econômicos e filosóficos – terceiro manuscrito.** Trad. De Alex Marins. São Paulo, Martin Claret, 2004.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **PROEJA.** Documento Base. Brasília, SETEC, agosto de 2007.
- MORAES, José Uilson Pereira. A visão dos alunos sobre ensino de física: um estudo de caso. **Scientia Plena.** V. 05, num 11, Sergipe, 2009, Disponível em<<https://www.scientiaplena.org.br/sp/article/viewFile/736/392>> Acesso em 15/maio/2019
- NERI, M. **Motivo da Evasão Escolar.** Biblioteca Digital Brasileira de Organização da Sociedade Civil. 2015. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/1166/1789.pdf?sequence=1>> Acesso em 10/ago/2019.
- OLIVEIRA, M. A. M. ; CAMPOS, F. A. C.. **Políticas Públicas para a Educação Profissional: Governo FHC x Governo. Minas Gerais: PUC – MG, 2007.** Disponível em: <<http://www.simposioestadopoliticas.ufu.br>> .Acesso em 30/jul/2009.
- PIASSI, L. P. C. A ficção científica como elemento de problematização na educação em ciências. **Revista Ciências e Educação,** Bauru, v. 21, n.3, p. 783-798, 2015.
- RIBEIRO, I.; LAFFIN, M. H. L. F.; AGUIAR, P. A.. Reflexões sobre formação de formadores para o PROEJA: o caso do Instituto Federal de Santa Catarina. **Revista Tempos e Espaços em Educação.** V. 12, nº 29, Sergipe ,2019. Disponível em <<https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/8982/pdf> ? Acesso em 19/nov/2019
- SILVA, A. P. Os limites e possibilidades da formação integral: Educação e trabalho, numa concepção freiriana. **37ª Reunião nacional da ANPED.** UFSC, Florianópolis, 2015.
- SILVA, H. F. As causas da evasão escolar: um estudo de caso numa unidade de ensino da rede municipal de Itupiranga – Pará nos anos de 2013 e 2014. In: Congresso Nacional de Educação. 12, **Anais...**, Paraná, 2015. Disponível em: < [http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20957\\_11234.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20957_11234.pdf) >.Acesso em 15/ago/2019.

SOUZA, André Portela, et al. Pesquisa e Planejamento Econômico. **Fatores associados ao fluxo escolar no ingresso e ao longo do Ensino Médio no Brasil**. Repositório Ipea, ppe, v42, nº 1, abril de 2012. Disponível em: <[http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4916/1/PPE\\_v42\\_n02\\_Fatores.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4916/1/PPE_v42_n02_Fatores.pdf)>. Acesso em 15/maio/2018.

SOUZA, José dos Santos. A formação do trabalhador no contexto da reconfiguração do trabalho, da produção e dos mecanismos de mediação do conflito de classe. **Revista contemporânea de Educação**. UFRJ, Vol.10, nº 20, jul/dez, 2015. Acesso: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/2317/2287> em 17/abr/2017

SOUZA, Vânia de Fátima Matias; RAFAEL, Mara Cecília; OLIVEIRA, Caroline Mari. **Políticas Educacionais e Organização da Educação Básica**. Maringá-PR: UNICESUMAR, 2015. p. 1-51. (Unidade I)

TRIVIÑOS, A.N.S. Estudos descritivos. In. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1.ed. São Paulo:Atlas,2017,p. 109-115.

VALDÉS, Raul [et.I]. **Contribuições Conceituais da Educação de Pessoas Jovens e Adultas: rumo à Construção de Sentidos Comuns da Diversidade**. UNESCO/OEA. Editora UFG, Goiânia, 2014.

VAZ, Caroline Rodrigues, FAGUNDES, Alexandre Borges, PINHEIRO, Nilcéia aparecida Maciel. **O surgimento da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) na Educação: Uma Revisão**. I simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia, Paraná, 2009.

VENTURA, Jaqueline P. Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores no Brasil: revendo alguns marcos históricos. **EJA trabalhadores**, Rio de Janeiro, 2001. Disponível em : <http://www.uff.br/ejatrabalhadores/artigo-01.htm> Acesso em 18/fev/2018

VITORETTE, Jaqueline Maria Barbosa; CASTRO, Mad'ana Desiree Ribeiro de. **O Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com Educação básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja) no Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás: Uma análise a partir da implantação do curso Técnico em Serviços de Alimentação**. Disponível em:< <http://www.forumeja.org.br/gt18>>. Acesso em 29/jul/2009.

## APÊNDICES



## APÊNDICE A

### **Questionário aplicado aos alunos concluintes do Curso Técnico em Secretariado**

- 1) O que te levou a entrar nesse curso?
- 2) O que te motivou a permanecer no curso até sua conclusão?
- 3) Quais as maiores qualidades do curso de secretariado?
- 4) No decorrer do curso, quais foram suas maiores dificuldades?
- 5) O que você acha que ocasionou a desistência de tantos de seus colegas no decorrer do curso?
- 6) Quais os pontos negativos você encontrou no curso que está fazendo?
- 7) Quanto às disciplinas cursadas, qual ou quais você teve mais dificuldade? Como essas dificuldades foram sanadas?

## APÊNDICE B

### **Questionário aplicado aos alunos evadidos do Curso Técnico em Secretariado**

- 1) O que te levou a se matricular no curso Técnico em secretariado?
- 2) Quanto tempo você frequentou as aulas?
- 3) Quais os principais motivos de sua desistência do curso?
- 4) Durante sua permanência no curso, quais as principais dificuldades você encontrou nas disciplinas?
- 5) Você foi reprovado em alguma disciplina durante o período em que você frequentou o curso? Se a resposta for afirmativa, cite a (as) disciplinas em que ocorreu a reprovação.
- 6) Qual a relação da reprovação nas disciplinas com a sua desistência do curso?
- 7) O que a Instituição de Ensino (escola) poderia fazer para que você não desistisse do curso?

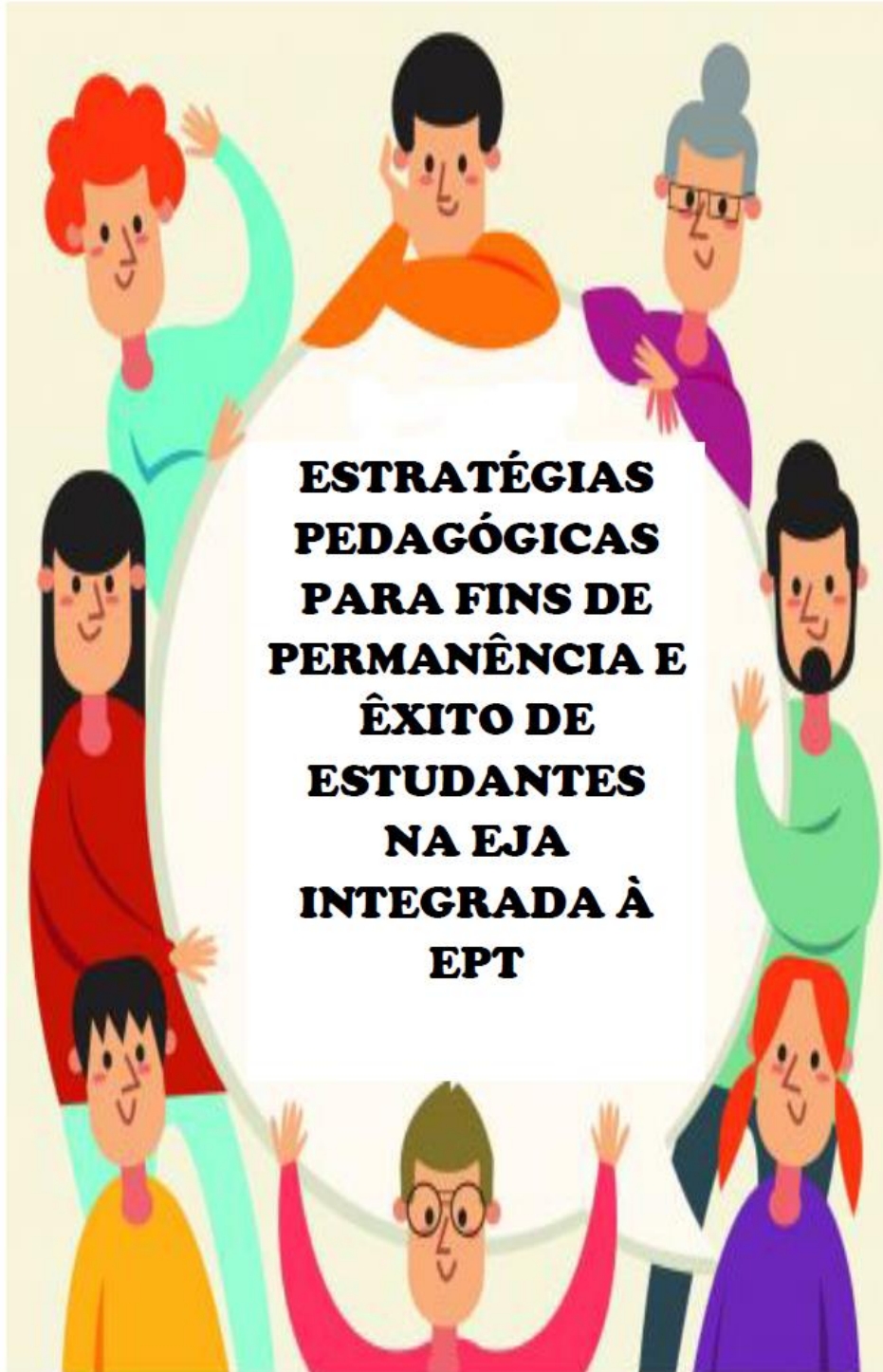
## APÊNDICE C

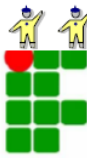
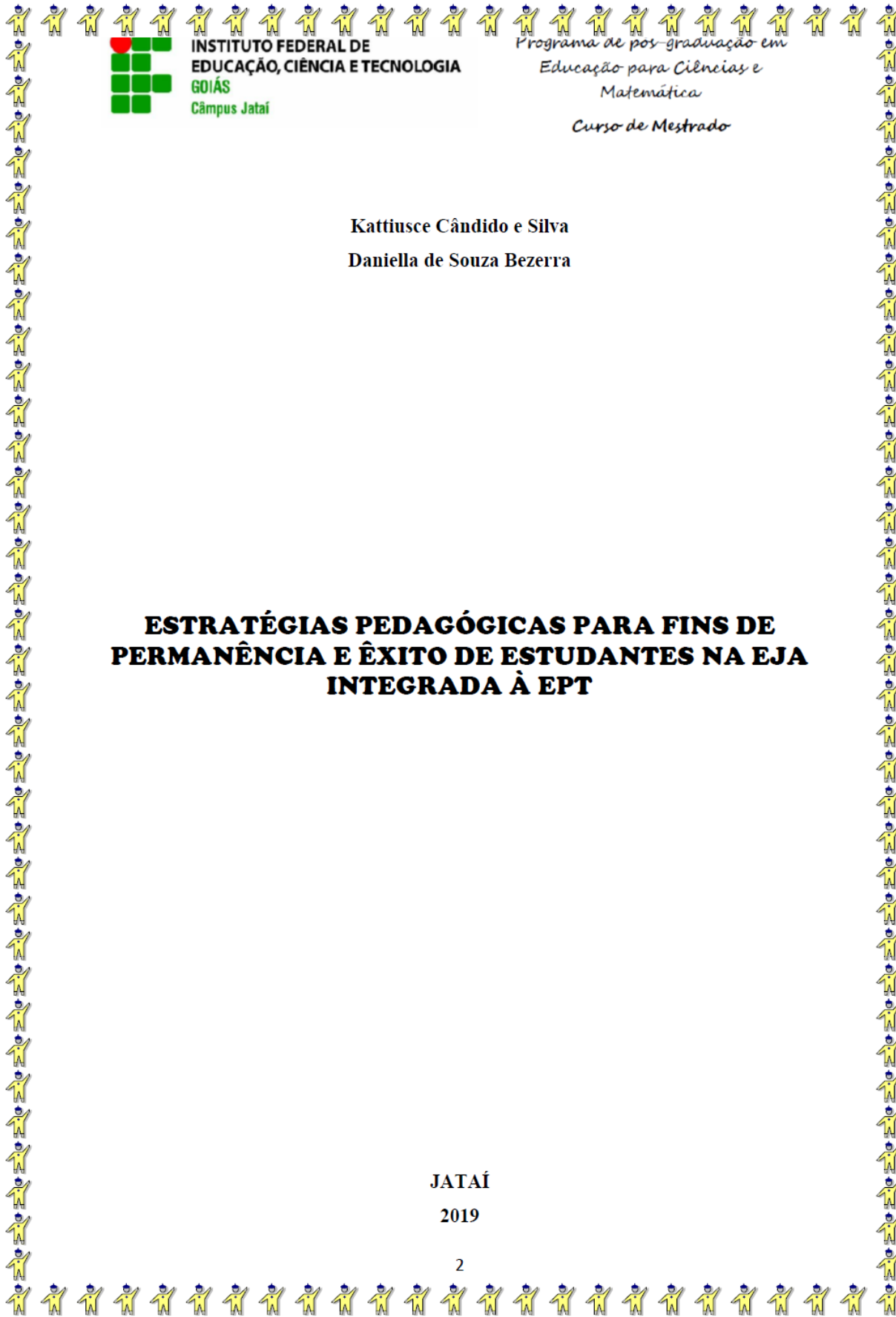
### **Questionário aplicado aos professores que trabalham no Curso técnico em Secretariado**

- 1) O que te motiva a trabalhar com os alunos do Curso Técnico em secretariado?
- 2) Quais as dificuldades enfrentadas ao ministrar aulas para esses alunos que ficaram um tempo afastados da escola?
- 3) O que você acha que leva os alunos a desistirem do curso?
- 4) Nas suas aulas, o que você executa para motivar a permanência dos alunos no curso?  
Em sua opinião, quais as maiores dificuldades esses alunos enfrentam e que pode motivar a evasão do curso?
- 5) Na sua visão, o que a Instituição tem feito para evitar a evasão dos alunos desse curso?
- 6) Quais as ações você utiliza para evitar a reprovação dos alunos em sua disciplina?
- 7) Sua metodologia de ensino no curso Técnico em Secretariado difere de sua metodologia em outros cursos da instituição? Se a resposta for sim, indique as diferenças.

**APÊNDICE D**

**Produto Educacional**





INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
GOIÁS  
Câmpus Jataí

*Programa de pós-graduação em  
Educação para Ciências e  
Matemática  
Curso de Mestrado*

Kattiusce Cândido e Silva

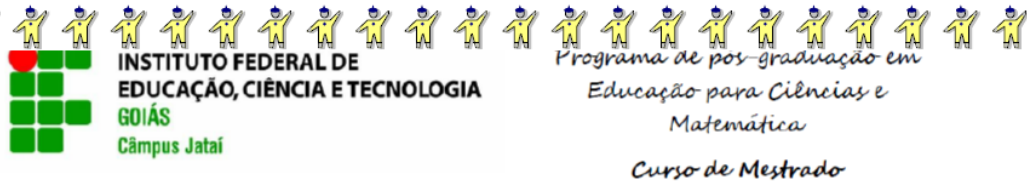
Daniella de Souza Bezerra

**ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA FINS DE  
PERMANÊNCIA E ÊXITO DE ESTUDANTES NA EJA  
INTEGRADA À EPT**

JATAÍ

2019

2



Autorizo, para fins de estudo e de pesquisa, a reprodução e a divulgação total ou parcial desta dissertação, em meio convencional ou eletrônico, desde que a fonte seja citada.

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)

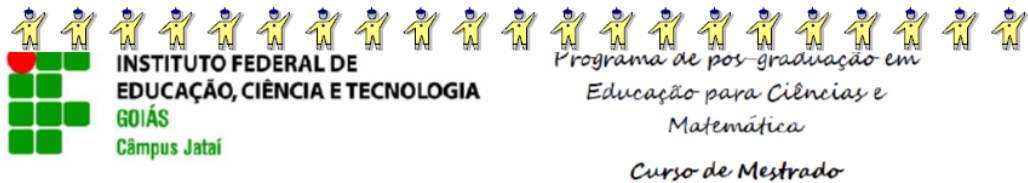
SIL/est Silva, Kattiusce Cândido e.  
Estratégias pedagógicas para fins de permanência e êxito de estudantes na EJA integrada à EPT: Produto Educacional vinculado à dissertação “Os (con) fins da evasão e do conhecimento técnico-científico em um curso técnico integrado em secretariado – EJA” [manuscrito] / Kattiusce Cândido e Silva; Daniella de Souza Bezerra. -- 2019.  
15 f.

Produto Educacional (Mestrado) – IFG – Câmpus Jataí, Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática, 2019.  
Bibliografias.

1. Educação de Jovens e Adultos trabalhadores. 2. Proeja. 3. Permanência. 4. Evasão. 5. Conhecimento técnico-científico. 6. Produto educacional – estratégia pedagógica. I. Bezerra, Daniella de Souza. II. IFG, Câmpus Jataí. III. Título.

CDD 374.012

Ficha catalográfica elaborada pela Seção Téc.: Aquisição e Tratamento da Informação.  
Bibliotecária – Rosy Cristina Oliveira Barbosa – CRB 1/2380 – Câmpus Jataí. Cód. F071/19.



## APRESENTAÇÃO

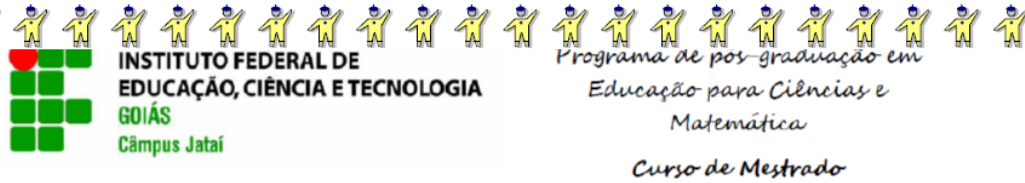
Caros Gestores e Educadores,

O presente texto constitui um produto educacional resultante da pesquisa de mestrado intitulada “Os (con)finos da evasão e do conhecimento técnico-científico em um curso técnico integrado em secretariado-EJA”, apresentada e defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás-Câmpus Jataí.

A partir do suprarreferido estudo, sintetizamos aqui um conjunto de estratégias que objetivam contribuir para a permanência e êxito de estudantes em cursos técnicos integrados ao ensino médio, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), bem como para a consolidação da oferta de cursos dessa modalidade de ensino.







## INTRODUÇÃO

Na Educação de Jovens e Adultos (EJA), a condição de reconhecimento e valorização da diversidade dos educandos é um dos pontos centrais a ser considerado nos processos de implantação e consolidação da oferta de um curso de ensino médio integrado ao técnico, vez que tratar da diversidade na EJA pressupõe reconhecer que a garantia do direito à educação resulta de um sistema social e econômico excludente.

Por isso, segundo Machado e Rodrigues (2013), é necessário um aporte que possibilite sanar, ou pelo menos diminuir a grande distância entre o saber e a classe trabalhadora, para que a exclusão desses sujeitos seja amenizada e que a exploração individual desse cidadão possa ser compreendida pela sociedade e pela própria pessoa.

Na tentativa de contribuir com a reflexão sobre dos aspectos da diversidade que precisa ser considerado numa política educacional que se pautar pela garantia de oportunidades educacionais com qualidade social, para o público em potencial da EJA sistematizamos algumas estratégias a partir das experiências advindas de um curso Técnico integrado na modalidade EJA do Instituto Federal de Educação, Profissional e Tecnológica de Goiás do câmpus Jataí, com o fito de contribuir para a divulgação do curso, bem como a permanência de estudantes jovens e adultos.



INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
GOIÁS  
Câmpus Jataí

Programa de pós-graduação em  
Educação para Ciências e  
Matemática

Curso de Mestrado

## ESTRATÉGIA 1- FORMAS PARA DIVULGAR O CURSO



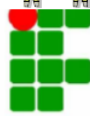
Confeccionar material de divulgação, marcar palestras e visitas nas empresas da região em que se encontra a escola.

Após a elaboração do projeto pedagógico de um curso técnico integrado ao ensino médio na modalidade EJA, qualquer que seja ele, o primeiro grande desafio a ser encarado pela instituição de ensino ofertante é o próprio processo de divulgação das vagas.

Conforme subscrito por nosso estudo nos (Con)fins da evasão e do conhecimento técnico-científico em um curso técnico integrado em secretariado- EJA” o público alvo desse curso, por já estarem, na maioria das vezes, inseridos no mercado de trabalho, e ou já constituírem família, tem sua disponibilidade e motivação para a continuidade dos estudos bem limitada. Estudos de Machado e Rodrigues (2013) também endossam esse confim:

Vale destacar que a relação entre a entrada no mundo do trabalho e a formação de uma unidade familiar própria, seja pelo jovem, adulto ou idoso, traz um olhar diferenciado sobre esse sujeito, já que, **entre comer e estudar, a opção dos educandos trabalhadores é pelo trabalho, por uma questão de sobrevivência, e se dessa sobrevivência dependem também seus entes familiares essa opção se acentua.** (p.376, Grifo nosso)

Nesse sentido, e considerando a constatação de que divulgar cursos de EJA-EPT dentro de outras instituições de ensino não tem contribuído para a atração de possíveis estudantes, a primeira estratégia que circunscrevemos se resume em fazer material de divulgação, palestras e visitas em locais públicos e privados da região em que a escola está inserida, com o fito de oferecer a esses sujeitos orientações práticas sobre o processo seletivo.



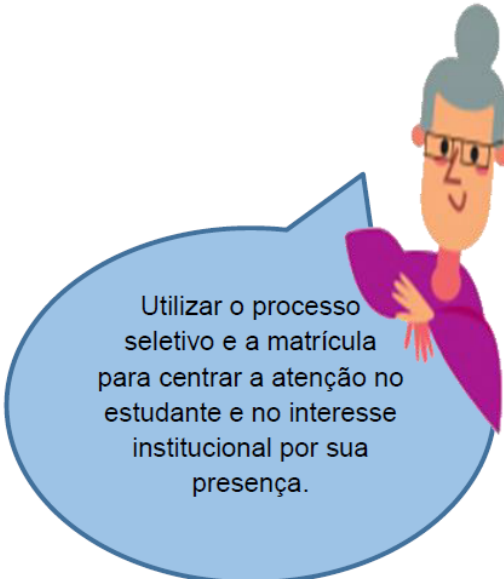
**INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**  
GOIÁS  
Câmpus Jataí

*Programa de pós-graduação em  
Educação para Ciências e  
Matemática*

*Curso de Mestrado*

Nesse processo, materiais de divulgação bem coloridos e chamativos podem ajudar aquele trabalhador a não se esquecer da escola e da pessoa que divulgou o curso além de mantê-los bem informados quanto ao local da escola e qual o procedimento deve ser seguido para se candidatar no curso em questão.

## ESTRATÉGIA 2- FORMAS DE ACOLHIDA DO ESTUDANTE CANDIDATO

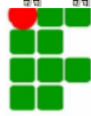


Utilizar o processo seletivo e a matrícula para centrar a atenção no estudante e no interesse institucional por sua presença.

Todas as pessoas gostam de ambientes acolhedores onde são recebidos por pessoas alegres e que acreditam naquilo que estão divulgando. Fazer esse espaço de apresentação da escola para os sujeitos da EJA-EPT um espaço acolhedor que possibilite mostrar, inicialmente, a infraestrutura do curso, deve ser uma das prioridades para conquistar os possíveis estudantes. Além disso, é importante utilizar essa apresentação para conhecer também os sujeitos que estão propensos a fazer parte desse espaço.

Durante o processo seletivo, os instrumentos utilizados, tais como entrevistas e questionários, devem centrar as atenções no estudante, e no interesse institucional por sua presença.

Considerando que ações governamentais são direcionadas ao alívio da pobreza por meio de políticas públicas de inclusão social, especialmente de grupos em situação de vulnerabilidade e risco social (LIBÂNEO, 2016.p.52), e que essas políticas norteiam



**INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**  
GOIÁS  
Câmpus Jataí

*Programa de pós-graduação em  
Educação para Ciências e  
Matemática*

*Curso de Mestrado*

os cursos de EJA, mas nem por isso, esse assistencialismo tem que ser escancarado na escola, visto que assistencialismo e qualidade, na visão geral da população, não andam de mãos dadas.

Dessa forma, quando o jovem ou adulto for conhecer efetivamente a escola para o processo seletivo ou matrícula, essa deve se apresentar como uma extensão de sua casa e se possível apresentar até um ambiente mais agradável que a própria casa, apresentando assim um motivo para a frequência no ambiente escolar. Por isso, convidar estudantes cursistas e egressos do curso para falar sobre o curso constitui também como uma excelente forma de aproximação e desejo de pertencimento à EJA-EPT.

### ESTRATÉGIA 3- A RECEPÇÃO NA PRIMEIRA SEMANA DE AULA

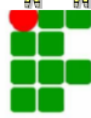


Na primeira semana de aulas, os ambientes da escola e os profissionais da educação envolvidos com o curso devem ser apresentados. profissionais de educação envolvidos no curso.

Ao iniciar um curso, os alunos que acabaram de ingressar na escola possuem expectativas quanto a ele e quanto à própria escola, por isso, apresentar os espaços acadêmicos e todos os profissionais da educação envolvidos com o curso, na primeira semana, é fundamental para a aproximação dos recém-ingressos.

Apresentar o curso e a instituição de ensino através de relatos de ex-estudantes e cursistas, no que diz respeito a seu projeto formativo, a estrutura educacional da instituição. Esse processo pode ser feito também por meio de um passeio aos diversos





**INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**  
**GOIÁS**  
Câmpus Jataí

*Programa de pós-graduação em  
Educação para Ciências e  
Matemática*

*Curso de Mestrado*

ambientes da escola, como laboratórios, biblioteca espaço de vivência e lazer encontrados dentro do ambiente escolar.

Além de toda infraestrutura, é premente tratar sobre os desafios decorrentes do retorno à escola por jovens e adultos trabalhadores, ressaltando que os conhecimentos e experiências por eles acumulados durante toda sua vida são/serão fundamentais para apropriação do conhecimento teórico-técnico sistematizado na e pela escola, pois conforme nos ensina Arroyo:

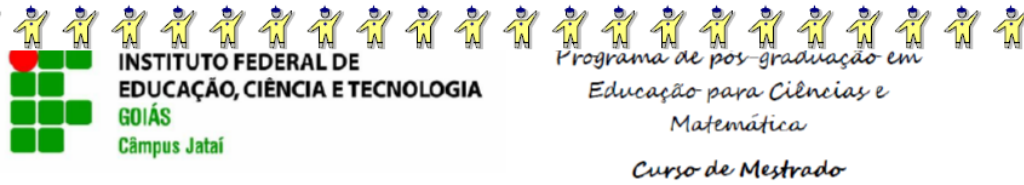
Toda transmissão cultural de uma geração a outra recorre a processos que se diferenciam em função da idade daqueles que são educados. A formação das crianças, dos adolescentes, dos jovens e dos adultos sempre foi considerada como ciclos diferentes. Entre um ciclo e outro há peculiaridades que definem conteúdos, processos, experiências e vivências culturais. Cada ciclo seria adequado a cada idade de formação na medida em que seja uma combinação íntima de conteúdos culturais e de vivências de formação intelectual, volitiva, artística, física, politécnica. (2003, p. 52).

Essa estratégia, se ocorrer na primeira semana de aulas, pode contribuir para que o recém-ingresso pense sobre a relação entre os limites de sua narrativa e as possibilidades que o curso em EJA-EPT sinalizam.

#### **ESTRATÉGIA 4- PROJETO FORMATIVO E A PERMANÊNCIA DOS ESTUDANTE NA EJA**

Preparar um currículo que dialogue com as expectativas dos estudantes da EJA-EPT é fundamental para o processo de formação na perspectiva emancipatória!





Quando observamos os sujeitos que frequentam a EJA, percebemos que a maior parte está “atrás do tempo perdido”, conforme já constatara Machado (2008):

Há, de fato, no jovem ou adulto que retorna, depois de vários anos fora da escola, uma ansiedade para recuperar o “tempo perdido”, inclusive pelas pressões do mercado de trabalho. Todavia, isso não justifica a oferta de uma escolarização aligeirada, já que a educação básica precisa primar pelo princípio da igualdade de direito de acesso ao conhecimento produzido pela humanidade - e não pautar-se pelas exigências de mercado. (p.162, Grifos nossos).

Dessa forma, a instituição de ensino deve preparar um currículo que possa abranger as condições necessárias para que aquele sujeito que frequenta sua escola obtenha uma educação emancipatória e qualidade socialmente referenciada, e que ainda ajude esse aluno a alcançar novos objetivos, alcançar sonhos.

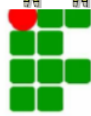
Esse currículo deve se pautar nas experiências de vida trazidas pelo aluno e adequar essas experiências para que elas possam ser significativas e transformadas e conteúdos críticos que possam transformar sua visão da sociedade em que está inserido.

#### ESTRATÉGIA 5- DESCONSTRUIR CRENÇAS SOBRE A DURAÇÃO DO CURSO



Evidenciar a importância da duração do curso na formação integral para uma educação de qualidade!

No decorrer da pesquisa os (con)finos da evasão e do conhecimento técnico-científico em um curso técnico integrado em secretariado-Eja”, ao questionarmos os estudantes evadidos do curso Técnico integrado em Secretariado sobre os motivos de não terem permanecido, uma das respostas recorrentes foi a longa duração do curso.



**INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**  
**GOIÁS**  
Câmpus Jataí

*Programa de pós-graduação em  
Educação para Ciências e  
Matemática*

*Curso de Mestrado*

Parece um contrassenso com a qualidade do ensino. Mas não deve ser! Para tanto, temos que desmistificar a caracterização desses sujeitos, pois conforme evidenciado por Machado (2008)

Há, portanto, no imaginário da sociedade brasileira, vários conceitos que se cristalizaram a partir das experiências de Mobral e ensino supletivo como, por exemplo, a ideia de que o aluno jovem e adulto que retorna à escola tem pressa e, por isso, precisa de “um curso rápido e fácil” para receber sua certificação, o que justificaria a oferta de cursos sem muita exigência no processo de avaliação. Outra concepção corrente é a de que os alunos não querem saber de nada, por isso não é necessário se preocupar com a qualidade do que vai ser ofertado; inclusive os mais jovens são os que em geral são tachados de indisciplinados e desinteressados. Há, ainda, aquela ideia de que todos os que passaram pelo Mobral e pelo supletivo - ou estão nos cursos noturnos - são sujeitos com “conhecimentos menores”. (p.162)

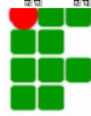
Dessa forma, é necessário mostrar aos estudantes a relação entre a duração do curso e a garantia do conhecimento da formação básica de nível médio e da respectiva formação técnica. Para potencializar essa estratégia, recomenda-se que ex-estudantes sejam convidados para dar depoimentos sobre o impacto dessa formação integral na sua (re)inserção no mundo do trabalho.

#### **ESTRATÉGIA 6: O PAPEL DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO ATUANTES NO CURSO**

Escolher profissionais  
que se identifiquem com  
a EJA-EPT e que se  
aproximem dos  
estudantes!



Quando da escolha dos profissionais que atuarão no curso EJA-EPT, deve-se pensar na priorização daqueles que gostam de se aproximar do aluno e transformá-lo em um agente de sua prática educativa. Esse processo se faz necessário porque quanto mais



**INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**  
GOIÁS  
Câmpus Jataí

*Programa de pós-graduação em  
Educação para Ciências e  
Matemática*

*Curso de Mestrado*

próximo desses sujeitos esses profissionais chegarem, mais esses sujeitos sentirão mais motivados em estar na escola. E querendo ou não, é a motivação que nos leva a realizar a maior parte de nossas atividades.

Assim, selecionar os profissionais da educação que vão atuar nesses cursos por meio de formas de mediação entre o ensino e aprendizagem, que partam do/s contextos dos estudantes da EJA-EPT, será fundamental para a sistematização do conhecimento técnico-científico escolar. Não é ao acaso, portanto, que Machado (2008) nos alerta que:

quando a escola que atende esses alunos jovens e adultos consegue reconhecê-los como sujeitos de direito à educação, passa, inclusive, a perceber que os seus conhecimentos prévios e o aprendizado acumulado ao longo da vida têm muito a contribuir para o conhecimento produzido pelas diversas áreas da ciência e, mais, que possuem grande capacidade de confronto com o conhecimento sistematizado, contribuindo na produção de novos. (MACHADO, 2008, p. 162)

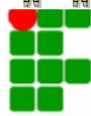
Esses conhecimentos vão ser um atrativo também para a permanência desse aluno na escola que acaba de oferecer a ele exemplos reais de que seus próprios conhecimentos podem fazer parte de sua formação acadêmica.

#### **ESTRATÉGIA 7- O CUIDADO QUANTO AO DESEMPENHO ACADÊMICO**



Cuidar do processo de apropriação do conhecimento pelo estudante, diariamente, é fundamental para a sua permanência e êxito no curso!





**INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**  
**GOIÁS**  
Câmpus Jataí

*Programa de pós-graduação em  
Educação para Ciências e  
Matemática*

*Curso de Mestrado*

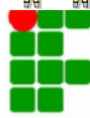
Desde o ingresso no curso em EJA-EPT, os jovens e adultos trabalhadores acreditam que uma trajetória escolar bem-sucedida é medida somente por meio de sua aprovação em disciplinas, e conseqüentemente progressão nos períodos/anos curso.

É recorrente a visão de estudantes da EJA-EPT que só alcança o conhecimento quem consegue passar de ano. Tal crença, segundo, Arroyo (1992) evidencia que:

a cultura da exclusão está materializada na organização e na estrutura do sistema escolar. Ele está estruturado para excluir. A cultura do fracasso, tão presente em nosso sistema escolar, não está apenas no elitismo de alguns diretores, especialistas ou professores, nem sequer na rigidez das avaliações. Assim como uma contra-cultura do sucesso não será construída com a boa vontade de superar o elitismo ou a rigidez. Estamos sugerindo que essa cultura se materializou ao longo de décadas na própria organização da escola e do processo de ensino. No próprio sistema. Aí radica sua força e sua persistência, desafiando a competência dos mestres e das administrações mais progressistas. (1992, p. 47)

Conforme exposto, a cultura da reprovação ainda é muito recorrente dentro das escolas e esse processo deve ser analisado dentro dos cursos dessa modalidade como um fator excludente. Qual Jovem e Adulto quer voltar para escola e se deparar com disciplinas que poderão recorrer novamente ao mesmo processo excludente do ensino regular?

Para tanto, é necessário que os gestores e professores repensem as formas de avaliação dos conhecimentos das disciplinas. Nesse sentido, a repetência (dependência) não pode se constituir enquanto um objetivo de uma instituição que se propõe a trabalhar com a EJA-EPT. E, aprovação não deve ser sinônimo de má e/ou aligeirada qualidade, mas sim do uso de formas de mediação da aprendizagem que de fato contribua para a apropriação do conhecimento sistematizado na e pela escola pelos estudantes.

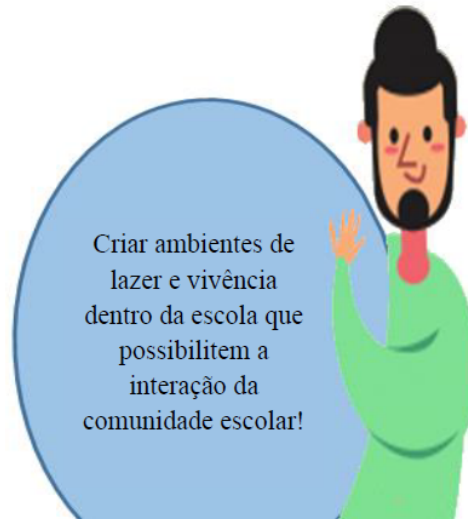


INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
GOIÁS  
Câmpus Jataí

Programa de pós-graduação em  
Educação para Ciências e  
Matemática

Curso de Mestrado

## ESTRATÉGIA 8: O PAPEL DA FAMÍLIA NA PERMANÊNCIA E ÊXITO ACADÊMICO



Identificar inúmeros trabalhadores e trabalhadoras que retornam, após anos de dificuldades de conciliar a dinâmica da vida, trabalho, família e escola, na expectativa de aprender algo que facilite, em alguma medida, o seu cotidiano (MACHADO, 2008) é de suma importância para a permanência desses sujeitos dentro da escola.

Por isso, é necessário que a instituição crie ambientes onde esses sujeitos possam inserir suas famílias no âmbito escolar. Esse processo é muito recorrente quando temos jovens mães de família frequentando as escolas. Onde elas poderão deixar seus filhos menores enquanto estão na escola? Onde poderão amamentar seus filhos?

Todos esses fatores podem influenciar esses sujeitos a permanecer em um curso de EJA-EPT.

As instituições de ensino podem criar espaços de vivência onde esses sujeitos possam, por exemplo, deixar suas crianças, enquanto estudam. Disponibilizar espaços e ações que promovam a prática de esportes, brincadeiras, leitura e atividades culturais contribuirão para o pertencimento do estudante em uma escola que ofereça o curso de EJA-EPT.



INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
GOIÁS  
Câmpus Jataí

Programa de pós-graduação em  
Educação para Ciências e  
Matemática  
Curso de Mestrado

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratar sobre os motivos de evasão dentro de estudantes na EJA requer grande esforço das instituições ofertantes de cursos nessa modalidade, pois há várias causas que contingenciam a permanência e êxito acadêmico de estudantes da EJA: problemas financeiros; conciliar emprego, família e escola; dificuldades em disciplinas como Matemática e Física. Logo, é desafiador, mas necessário se pensar nesses sujeitos e como a escola pode proporcionar uma educação de qualidade que possa alavancar a vida dessas pessoas contribuindo para sua (re)inserção no mundo do trabalho. É, portanto, pelo desafio de contribuir para a formação emancipatória de jovens e adultos trabalhadores que historicamente tem sido alijados do direito à educação básica que sistematizamos esse texto de estratégias para permanência e êxito desses estudantes na escola, que não se (con)finam enquanto uma prescrição, e sim, enquanto uma práxis, i.e., enquanto teoria que embasa a prática e encontra nesta prática elementos que possibilitem o reestruturar-se constantemente para voltar à prática e promover transformações efetivas sobre a realidade.





## REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G. Fracasso-Sucesso: o peso da culta escolar e do ordenamento da Educação Básica. **Revista Em Aberto**. Brasília, ano II, nº 53 Jan/Mar, 1992.  
Disponível:  
file:///C:/Users/1037940.IFG0/Desktop/disserta%C3%A7%C3%A3o%20outubro%20de 2019/arroyo.pdf. Último Acesso: 22/10/2019
- LIBÂNEO, José Carlos. Políticas educacionais no Brasil: desfiguramento da escola e do conhecimento escolar. **Cadernos de Pesquisa**. V. 46 n. 159 jan./mar. 2016.
- MACHADO, Maria Margarida; RODRIGUES, Maria Emília de Castro. Educação de Jovens e Adultos Relação Educação e Trabalho. **Revista Retratos da Escola**. Brasília, v. 7 nº 13, jul/dez 2013. Disponível em <<http://www.esforce.org.br>. >Último acesso: 22/10/2019
- MACHADO, Maria Margarida. Formação de Professores para a EJA. Uma Perspectiva de Mudança. **Revista Retratos da Escola**. Brasília, v. 2 nº 2-3, jan/dez 2008. Disponível em <http://www.esforce.org.br> Último Acesso em 22/10/2019

**ANEXO**

## ANEXO 1

### Ficha de Avaliação do Candidato ao Curso Técnico Integrado em Secretariado na Modalidade EJA

#### I – DADOS PESSOAIS

1. Nome Completo
2. Endereço Atual
3. Há quanto tempo reside nesse local?
4. Telefones:
5. Local de nascimento:
6. Data de nascimento:
7. Identidade
8. CPF
9. Estado Civil
10. Você tem filhos?
11. Você possui alguma necessidade educacional especial?
12. Você tem algum problema de saúde?

#### II ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS

1. Qual a sua atividade profissional?
2. Qual é a sua renda mensal?
3. Em caso de ser casado, qual é a profissão do cônjuge e a renda?
4. Como você participa da vida econômica de sua família?
5. Qual a renda mensal da família (soma dos rendimentos totais)?
6. Quantas pessoas moram na sua casa?
7. Considerando a renda da sua família, informe a despesa mensal estimada com itens a seguir:

ITEM	VALOR EM R\$
1. Água	
2. Luz	
3. Telefone/celular	
4. Alimentação	
5. Moradia	
6. Saúde/Remédios	
7. Educação	

8. Transporte	
9. Outras despesas	
Total de gastos (soma das despesas)	

### III INFORMAÇÕES ACADÊMICAS

1. Qual é o seu nível de escolaridade?
2. Quando foi a última vez que você frequentou a escola?
3. Em que tipo de escola você estudou?
4. Qual modalidade de ensino você fez?
5. Alguma vez você parou de estudar?
  - 5.1 Em caso de sim, quando e por quanto tempo?
6. Por qual motivo interrompeu os estudos?
  - 6.1 Já reiniciou seus estudos alguma vez?
7. Como você obteve informações sobre os cursos do IFG?
8. Quais motivos levaram a escolher esse curso?
9. Você já participou de Processo Seletivo anterior para esse curso?
  - 9.1 Em caso de sim, quantas vezes?
10. Qual a sua expectativa em relação ao curso Técnico em Secretariado?
11. Você já desenvolve alguma atividade ligada à área desse curso?
  - 11.1 Em caso de sim, qual atividade e durante quanto tempo?
12. Você terá tempo disponível para frequentar as aulas no horário em que vai ser ofertado o curso ( das 19h às 22h e 15 minutos, lembrando que o aluno deverá ter 75% de presença nas aulas)?

#### **Considerações do entrevistador**

Analisar o perfil do candidato levando em conta os critérios da EJA ( tempo de afastamento da escola, observando se o candidato cursou somente o primeiro grau/segundo grau incompleto/as condições socioeconômicas/a idade/ a motivação para a área do curso ofertado/etc)